Primeira Grande Guerra – 100 Anos

ⓒ2014-2026 – Jorge H B Sampaio Jr. - jrgsampaio@gmail.com

Painéis 1 a 10:	10 Passos para a Guerra
Painéis 11 a 19:	Armas
Painéis 20 a26:	Consequências
Painéis 27 a 40:	Fatos, Culturas, Cotidiano
Painéis 41 a 71:	Luta sem Quartel
Painéis 72 a 79:	Legados
Painéis 80 a 94:	Personagens
Painéis 95 a 100:	Política

This information is free; you can redistribute it and/or modify it under the terms of the GNU General Public License as published by the Free Software Foundation; either version 2 of the License, or (at your option) any later version. This work is distributed in the hope that it will be useful, but WITHOUT ANY WARRANTY; without even the implied warranty of MERCHANTABILITY or FITNESS FOR A PARTICULAR PURPOSE. See the GNU General Public License for more details. You should have received a copy of the GNU General Public License along with this work; if not, write to the Free Software Foundation, Inc., 51 Franklin Street, Fifth Floor, Boston, MA 02110-1301, USA.

ⓒ - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1871 - Guerra Franco-Prussiana
10 PASSOS PARA A GUERRA
1 de 100
Revanchismo francês
A derrota da França na Guerra Franco-Prussiana, em 1870-71, pode ser considerada o passo inicial — embora longínquo — no longo caminho para a I Guerra. A humilhação francesa nos campos de batalha foi exacerbada ainda mais pela utilização do Palácio de Versalhes, nos arredores de Paris, como palco de criação do Império Alemão e pela tomada das regiões da Alsácia e Lorena.

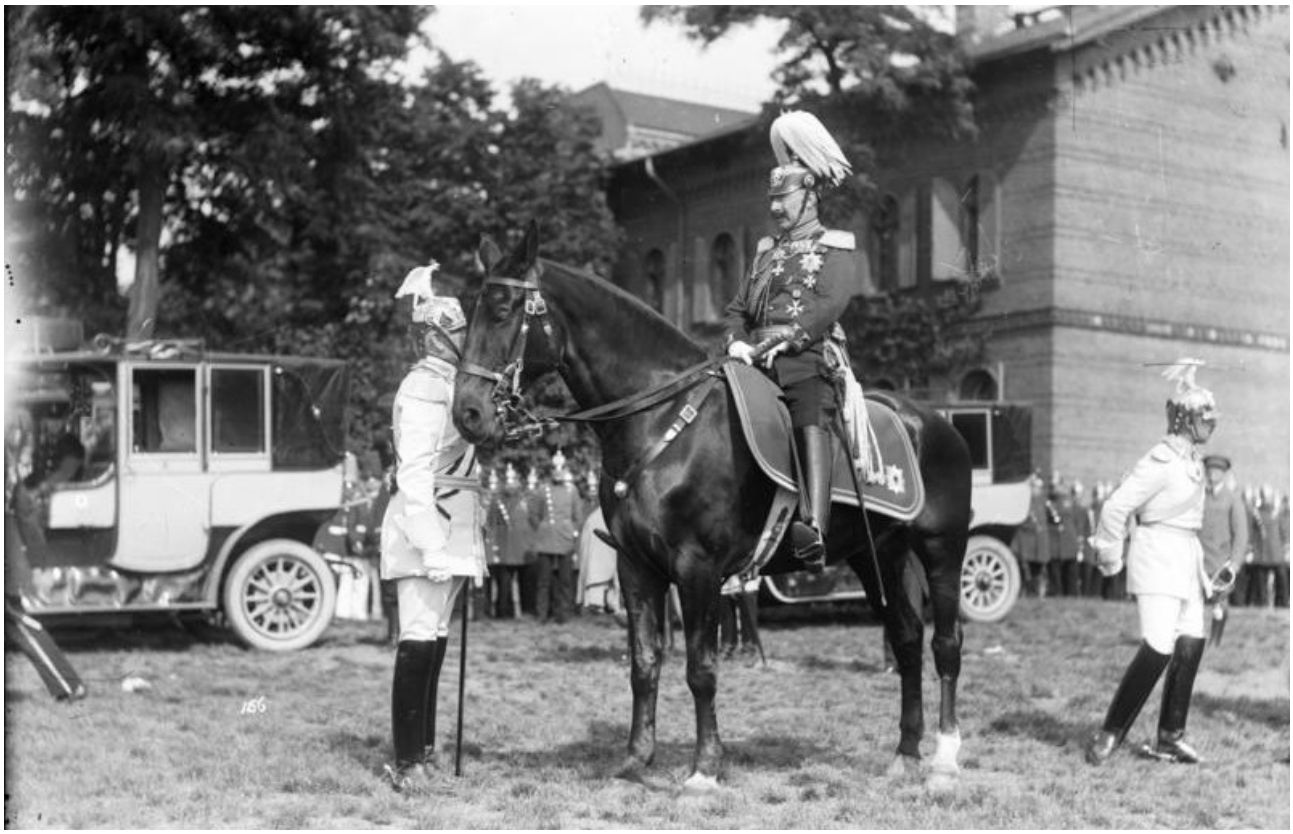
Gerações de franceses cresceram nas décadas seguintes cultivando uma intensa rivalidade com a Alemanha por causa das 'províncias perdidas', declaradas territórios imperiais pela Alemanha. Romances, canções, pinturas e outros aspectos da cultura popular ajudaram a alimentar nos franceses o desejo de uma revanche com o poderoso vizinho, que possibilitasse a retomada das duas regiões.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1879 - Acordo Alemanha-Áustria-Hungria
10 PASSOS PARA A GUERRA
2 de 100
Unidas contra a Rússia
A Aliança Dual entre a Alemanha e o Império Austro-Húngaro tinha por objetivo inicial a ajuda militar mútua em caso de ataque da Rússia a um dos dois países. Antes rivais pelo domínio do mundo alemão, Berlim e Viena foram jogadas nos braços uma da outra pela vitória da Rússia sobre o Império Otomano em 1878, ampliando a influência russa nos Bálcãs — área onde o Império Austro-Húngaro tinha grande interesse. Temendo a expansão do colosso vizinho a leste, a Alemanha do chanceler Otto von Bismarck contribuiu para a convocação de uma conferência internacional, em Berlim, ainda em 1878, revertendo ganhos da Rússia. Ainda vigente em 1914, a Aliança Dual teve papel fundamental na declaração de guerra da Alemanha à Rússia, quando esta se mobilizou contra a Áustria-Hungria.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1888 - Ascensão de Guilherme II
10 PASSOS PARA A GUERRA
3 de 100
Nova rivalidade
O ano de 1888 marca a ascensão de Guilherme II ao trono da Alemanha e uma guinada na política colonial e armamentista alemã, um dos motivos que colocaram o país em rota de choque com o Reino Unido. Mesmo após a Unificação da Alemanha (1871), o chanceler Bismarck optou por deixar o país fora da aventura colonial, que mobilizava o resto da Europa. Sua principal preocupação era a situação central do Império, espremido entre Rússia e França, e o chanceler preferiu não cultivar mais inimigos. Com a chegada de Guilherme ao trono, a Alemanha voltou-se para uma corrida colonial que desse status internacional ao país. Além disso, embarcou na construção de uma Marinha de guerra forte, o que foi visto como provocação e ameaça pelo Reino Unido, principal potência marítima da época. De potencial aliado, o país aos poucos trocou sua centenária rivalidade com a França pela hostilidade à Alemanha.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1892 - Tratado Franco-Russo
10 PASSOS PARA A GUERRA
4 de 100
Aliança improvável
A inusitada aproximação entre a democrática República Francesa e o autocrático Império Russo foi possibilitada pelo fortalecimento cada vez maior de uma Alemanha unificada em 1871, e pela nova orientação do governo alemão após a coroação de Guilherme II em 1888. Em 1890, o novo kaiser deixou caducar o secreto Tratado de Resseguro, uma ideia de Bismarck para — por meio de garantias mútuas entre Alemanha e Rússia — impedir a aliança entre franceses e russos. Como consequência, em 1892, Paris e São Petersburgo assinam um tratado secreto prometendo apoio militar mútuo no caso de guerra contra Alemanha, Áustria-Hungria e Itália — os três países da Tríplice Aliança. O acordo pavimentou o caminho para a formação posterior da Tríplice Entente com o Reino Unido e só deixou de vigorar em 1917, com a Revolução Russa.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

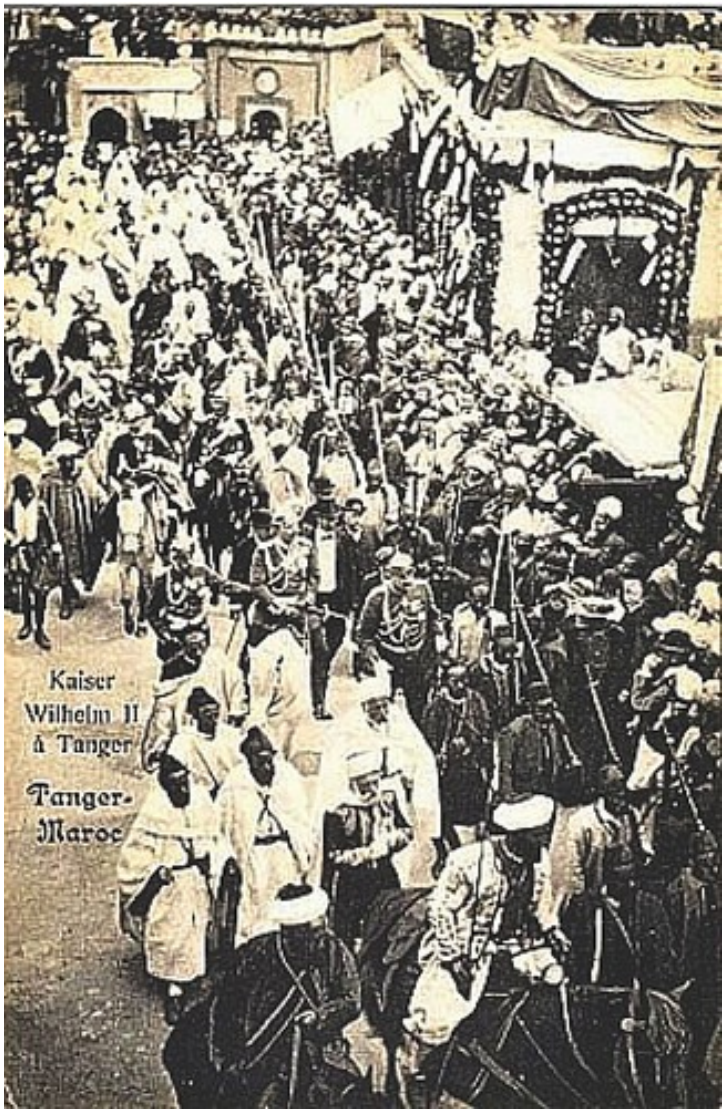
1903 - Golpe em Belgrado
10 PASSOS PARA A GUERRA
5 de 100
Nacionalismo agressivo
Até 1903, a Sérvia era controlada pela dinastia dos Obrenovic, alinhada ao Império Austro-Húngaro, com o qual mantinha uma relação clientelista. Na noite de 10 de junho daquele ano, no entanto, um golpe de Estado levou ao assassinato do rei Alexandre I e da rainha Draga. Ambos foram mortos no Palácio Real em Belgrado por oficiais militares nacionalistas descontentes, liderados pelo coronel Dragutin Dimitrijevic.

O golpe levou ao trono o príncipe Pedro, da dinastia dos Karageorgevic, e mudou a orientação do governo de Belgrado, agora de tom fortemente nacionalista e antiaustríaco. Dimitrijevic posteriormente tornou-se chefe da Inteligência militar sérvia e um dos líderes da organização secreta Mão Negra, responsável pelo assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco Ferdinando, em 1914, crime que acendeu o rastilho da I Guerra.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1905 - Kaiser em Tânger
10 PASSOS PARA A GUERRA
6 de 100
Desafio alemão
Logo após a derrota da Rússia na Guerra Russo-Japonesa (1905), o kaiser alemão, Guilherme II, quis dar uma demonstração de força na Europa e desembarcou de surpresa na cidade de Tânger, no Marrocos, país então alvo da cobiça francesa. A visita do imperador — que declarou intenção de proteger a soberania marroquina — foi vista como provocação por Paris, desencadeando uma crise e levando à mobilização da diplomacia continental. Os dois países chegaram a tomar medidas militares para um possível conflito.

O caso marroquino se arrastou até abril de 1906, quando a Conferência de Algeciras, na Espanha, acabou com a derrota da Alemanha, que entre os 13 participantes teve apoio apenas da Áustria-Hungria. O episódio de Tânger serviu para alarmar ainda mais Reino Unido e Rússia contra as pretensões de expansão da Alemanha.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1907 - Entente Cordiale
10 PASSOS PARA A GUERRA
7 de 100
Triângulo antigermânico
A crescente expansão colonial e militar da Alemanha no final do século XIX e início do XX levou três antigos inimigos a superarem rivalidades profundas e se aproximarem paulatinamente em alianças. Rússia e França superaram diferenças em 1892; Reino Unido e França em 1904; Rússia e Reino Unido, em 1907. O resultado foi a consolidação desses três acordos na Tríplice Entente, ainda em 1907, formando a base da aliança aliada na I Guerra. O novo bloco nasceu em contraposição à Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália em 1882.

No início, a aliança garantia apenas apoio diplomático em caso de um conflito europeu. No entanto, os acontecimentos de 1914, com a Alemanha invadindo a neutra Bélgica — de cuja independência o Reino Unido era um dos garantidores — levaram a Tríplice Entente a formalizar-se numa aliança militar.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1908 - Anexação da Bósnia-Herzegovina
10 PASSOS PARA A GUERRA
8 de 100
Avanço austríaco
A longa rivalidade entre Rússia e Império Austro-Húngaro teve mais um — e determinante — episódio em 1908, durante a crise da anexação da Bósnia-Herzegovina por Viena. Antiga possessão turca, o território estava sob dominação formal dos austríacos desde a Guerra Russo-Turca, em 1878, embora oficialmente ainda fizesse parte do Império Otomano. Em 1908, a Áustria-Hungria manobrou e obteve o apoio do governo russo a uma anexação formal, em troca do apoio de Viena à reivindicação de São Petersburgo à abertura dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos. Sob controle do Império Otomano, as duas vias marítimas foram fechadas a navios de guerra russos em 1878, encurralando a Esquadra do Mar Negro. Numa negociação diplomática ainda hoje com pontos obscuros — com acusações de lado a lado na época — a Rússia se sentiu traída pela Áustria-Hungria ao não conseguir a abertura dos estreitos e ser ameaçada por Viena com a divulgação de documentação que comprometeria o governo russo. A Sérvia não aceitou a anexação e mobilizou seu Exército. Com apoio da Alemanha à Áustria, os governos russo e sérvio tiveram de refrear-se. A anexação, porém, levou a Rússia e decidir resistir de qualquer modo a futuros avanços austríacos, incrementando seus preparativos militares. E levou a Sérvia a uma postura mais rigorosa de oposição à Áustria.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1911 - Episódio da Panther no Marrocos
10 PASSOS PARA A GUERRA
9 de 100
Alemanha flexiona os músculos
De crise em crise, a Europa marchou aos poucos — sem perceber — para o horror sem precedentes da I Guerra. O drama final envolvendo as grandes potências antes de julho de 1914 ocorreu em 1911. Em abril desse ano, a Alemanha enviou a canhoneira Panther ao porto de Agadir, no Marrocos, sob pretexto de proteger cidadãos e interesses alemães no país africano, convulsionado por uma rebelião contra o sultão Abdelhafid, protegido da França. O cruzador alemão SMS Berlin chegou dias depois.

O Reino Unido apoiou a França, que tivera seus interesses no Marrocos reconhecidos pela Conferência de Algeciras, em 1906. Atingida por uma inesperada crise financeira interna, a Alemanha preferiu negociar com a França, que acabou estabelecendo um protetorado sobre o Marrocos em troca de territórios no Congo francês. A crise reforçou a aliança entre Paris e Londres e levou os dois governos a um acordo naval.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

1914 - Assassinato de F. Ferdinando
10 PASSOS PARA A GUERRA
10 de 100
Fogo no rastilho da pólvora
A garantia alemã à Áustria de que a aliança defensiva de 1879 se aplicaria — mesmo no caso de o país ser o agressor e não o agredido — foi um fator determinante para a decisão de Viena de lançar um ataque punitivo à Sérvia. A certeza de que a Rússia interviria em proteção ao aliado eslavo dos Bálcãs era, justamente, o que alguns círculos militaristas alemães desejavam como pretexto para iniciar uma guerra contra o colosso do Leste.

Com a França tranfixiada pelo Caso Cailloux — o assassinato do editor Gaston Calmette, do 'Le Figaro', pela mulher do ex-premier Joseph Cailloux — e o Reino Unido à beira da guerra civil, com a questão da Irlanda, as principais Chancelarias europeias demoraram a reagir. Quando acordaram para a crise, o mês de julho já chegava ao fim. Com os fatos se atropelando e as engrenagens da guerra já em andamento, restou pouco à diplomacia para evitar a catástrofe, iniciada em 28 de julho com a declaração de guerra austríaca à Sérvia.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Gases
ARMAS
11 de 100
Ar mortal
Desde o final do século XIX, cientistas alemães se debruçavam sobre a indústria química. Um dos mais famosos, o judeu alemão Fritz Haber, ganhou o Prêmio Nobel de Química de 1918, pelo desenvolvimento de uma síntese do amoníaco, um avanço fundamental na fabricação de fertilizantes. Considera-se que a descoberta salvou milhões de pessoas da fome. Mas, na I Guerra, Haber e outros pesquisadores desenvolveram do gás cloro, asfixiante que, quando não matava, forçava soldados a deixarem as trincheiras. Gás mostarda, que provoca, além da asfixia, cegueira e rompimento dos vasos sanguíneos, foi utilizado por ambos os lados do confronto.

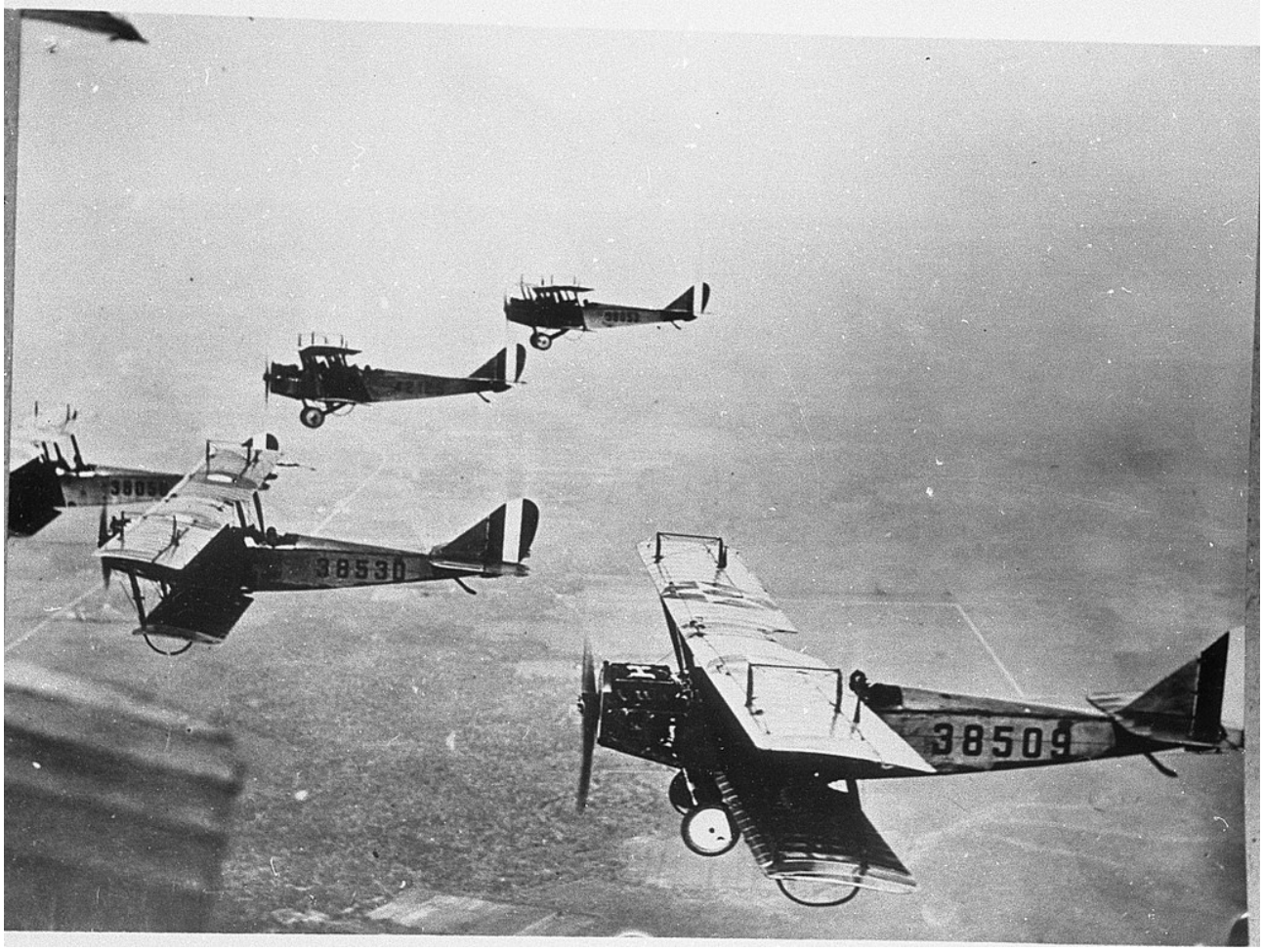
Milhares de pessoas morreram pelas armas químicas. “Em tempos de paz, o cientista pertence à Humanidade, mas em tempos de guerra, pertence a seu país”, dizia Haber. A mulher dele, a também química Clara Immerwahr — que se opunha ao uso do gás como arma — se matou com um tiro no coração. Na Segunda Guerra, os nazistas chamaram Haber a avançar em pesquisas, mas ele declinou. Irônica e tragicamente, um aperfeiçoamento do pesticida Zyklon, desenvolvido por Haber, foi o gás usado nas câmaras que mataram seis milhões de judeus.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Submarinos
ARMAS
12 de 100
Os lobos do mar
Apesar de os primeiros protótipos de submarinos remontarem ao século XVIII, foi na I Guerra que essas armas subaquáticas tornaram-se parte de uma das mais importantes estratégias militares. Os alemães desenvolveram e expandiram os U-Boats, abreviação de Unterseeboot ("barco sob o mar", na tradução literal), protagonistas daquela que ficou conhecida como a Primeira Batalha do Atlântico. Estes primeiros submarinos podiam ficar submersos somente por horas, já que necessitavam vir à superfície com certa frequência pelas limitações operacionais dos motores a diesel, e para permitir a entrada de oxigênio para a tripulação. O objetivo germânico era bloquear o comércio e o envio de suprimentos. Em maio de 1915, torpedearam e afundaram o transatlântico britânico Lusitania, com quase dois mil passageiros, deixando mais de mil mortos, com grande repercussão na opinião pública dos EUA, o que levou ao recuo dos U-Boats. Mas, em 1917, o Império Alemão inicia uma pesada campanha submarina, determinada a forçar a saída dos britânicos da I Guerra: ao todo, mais de cinco mil embarcações foram afundadas. Esta ofensiva é considerada como o fator determinante para a entrada dos EUA no confronto.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Aviões
ARMAS
13 de 100
Pássaros da morte
Enquanto o pai da Aviação, Alberto Santos Dumont, morreria de desgosto em 1932 ao saber que os sucessores de seu 14-Bis tornaram-se máquinas de guerra — “Nunca pensei que minha invenção fosse causar derramamento de sangue entre irmãos”, teria dito a parentes[1] — os irmãos americanos Wilbur e Orville Wright, que atribuem a si o primeiro voo da História num avião, viam na aplicação militar o principal objetivo. Na década de 1910, as primeiras aeronaves em combate eram apenas de reconhecimento. No decorrer da I Guerra, foram-se acoplando armas, com a preocupação dos projetistas em achar uma maneira de disparar metralhadoras a bordo sem atingir as próprias hélices. Construído em 1915, o Vickers F.B.5 Gunbus britânico é considerado o primeiro avião com metralhadora, aperfeiçoado pelo engenheiro francês Raymond Saulnier. O piloto Roland Garros, também francês, inventou um sistema de disparo através das hélices, aperfeiçoado pelo engenheiro holandês Anthony Fokker, a serviço da Alemanha. Também em 1915, britânicos lançaram o biplano Handley Page Modelo 0, o primeiro bombardeiro pesado. No mesmo ano, o Voisin L francês podia carregar 75 quilos de bombas, lançadas a mão pelo copiloto. O bombardeiro germânico Gotha, com um piloto e dois artilheiros, também foi bastante empregado, como nas investidas contra Londres.



1 O fato teria sido em referência aos bombardeios ocirrodos durante a revolução constitucionalista de 1932

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Metralhadora
ARMAS
14 de 100
Ceifadora de vidas
A metralhadora começou a ser desenvolvida na segunda metade do século XIX, quando passou-se a buscar uma arma que disparasse de forma automática, superando o tiro único de rifles e pistolas. Mas somente na I Guerra demonstrou toda a sua letalidade. Nos confrontos terrestres, com o ainda incipiente desenvolvimento da aviação e dos carros de combate, metralhadoras eram camufladas em matas e trincheiras. A sequência de balas dizimava pelotões inteiros. A metralhadora Lewis, criada em 1911 pelo coronel americano Isaac Newton Lewis, foi uma das mais eficazes: podia ser operada por apenas um homem e pesava 13 quilos, metade da concorrente britânica Vickers. O custo de produção da Lewis também era muito mais baixo, o que a levou a ser muito empregada em aviões e tanques.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Trincheira
ARMAS
15 de 100
A casa dos soldados
Em uma guerra travada na maior parte do tempo por soldados em terra, impedir o avanço e manter o inimigo afastado é condição fundamental para a vitória. Nas batalhas pelo controle do terreno, milhares de trincheiras, onde cabiam pelotões inteiros, com cercas de arame farpado — inventado na segunda metade do século XIX nos EUA, para cercar gado — foram espalhadas pelos territórios dos países envolvidos. Um sem-número de soldados se viram forçados a viver num labirinto escavado na terra em condições subumanas, sobrevivendo ao frio, à fome, aos ratos, às doenças. A imobilidade era comum. Muitas vezes, nenhum dos dois lados tinha significativa conquista durante meses. O desenvolvimento dos tanques e aviões, e o uso de gases químicos mudariam esta situação. Se trincheiras são usadas desde a Antiguidade, neste confronto elas serpenteavam ao largo de imensas planícies entre França e Alemanha, tornando-se uma das marcas da I Guerra.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Carro de combate
ARMAS
16 de 100
Ataque sobre rodas
Muito diferente dos blindados que conhecemos hoje, os primeiros carros de combate da História eram nada mais do que veículos comuns aos quais foram adaptadas e instaladas grossas chapas metálicas, que pudessem resistir a tiros de menor calibre e granadas. Metralhadoras também foram acopladas, mais com função de autodefesa do que de ataque. O primeiro registro que se tem de um carro de combate é o britânico Motor War Car, cujo protótipo foi finalizado em 1902. Tratava-se de um insólito veículo com uma espécie de chapa inteiriça que dava a volta ao redor, com uma metralhadora na frente e outra atrás. A parte de cima, entretanto, era aberta. Durante a I Guerra, ambos os lados do confronto desenvolveram e aperfeiçoaram os carros de combate, que muitas vezes eram usados por oficiais, mas chegaram a ser formados esquadrões inteiros deste tipo de veículo. Foram muito utilizados também em operações de reconhecimento. Na Inglaterra, muitos Rolls-Royces foram adaptados como carros de combate, alguns deles até com uma pequena torre na parte traseira, onde ficava uma metralhadora pesada. Com o passar do tempo, as armas leves na parte de trás foram substituídas por poderosa artilharia antiaérea.

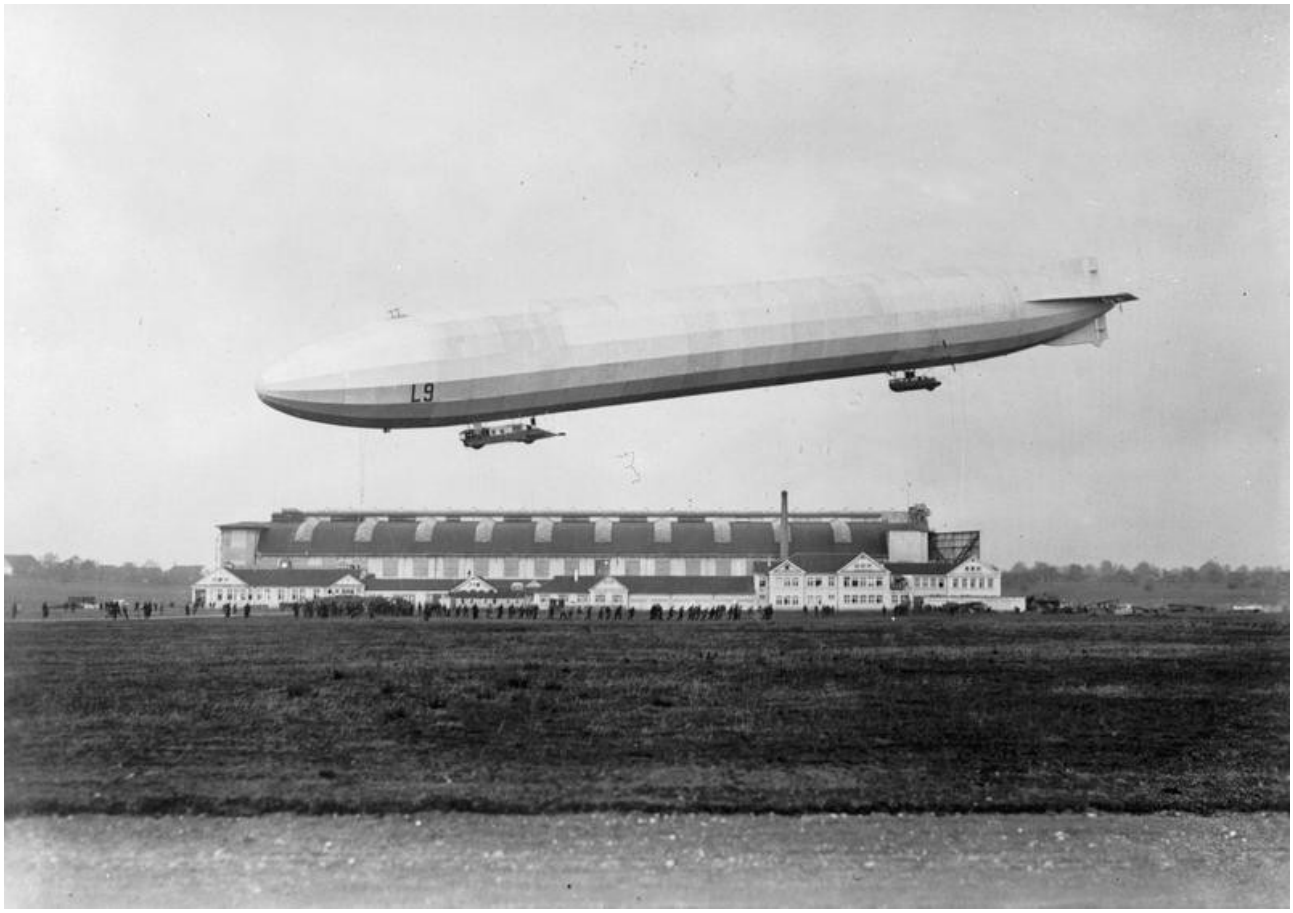
Ⓒ - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Tanque
ARMAS
17 de 100
Monstros de ferro
Em 1915, o então primeiro-lorde do Almirantado britânico, Winston Churchill, criou um comitê para desenvolver veículos terrestres que pudessem superar qualquer terreno. Uma empresa agrícola, a William Foster & Co, foi contratada para construir um protótipo, mas sem sucesso. O nome “tanque” foi usado para os inimigos pensarem se tratar de um reservatório de água, caso o projeto vazasse. Em seguida, projetistas britânicos ajustaram o veículo criado pela Foster até chegarem ao Little Willie — uma ironia ao herdeiro alemão, assim apelidado. Little Willie teve uma torre acoplada, retirada posteriormente. O mais curioso: não carregava nenhuma arma. Em 6 de setembro de 1915, ele foi enfim testado. Mas um novo projeto já estava em andamento: o Big Willie, o protótipo de todos os tanques pesados britânicos na guerra. Em uma manhã de 1916, na Batalha do Somme, os soldados alemães, de dentro das trincheiras, avistaram veículos que mais pareciam tratores. Dispararam, mas as balas ricocheteavam na carapaça blindada, que avançava sobre o arame farpado. Eram os primeiros tanques utilizados numa guerra: o modelo britânico Mark I. Em seguida, os franceses revolucionaram com o Renault FT-17, uma espécie de minitanque onde cabia apenas um piloto e um atirador, que ficava na primeira torre rotatória com armamento já desenvolvida para um veículo. Ambos foram decisivos para suplantar a artilharia alemã e vencer as trincheiras.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

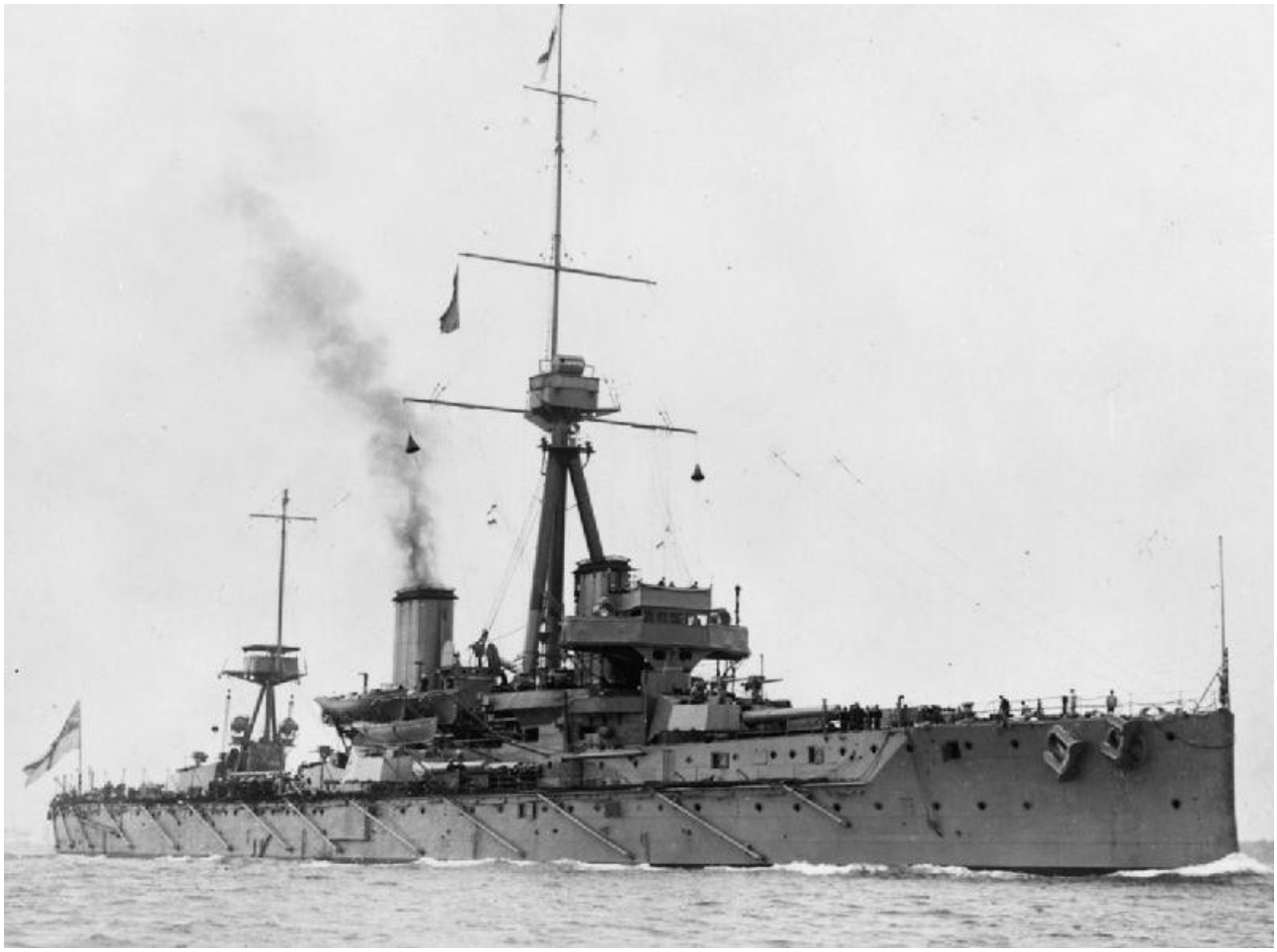
Zepelin
ARMAS
18 de 100
Assassinos flutuantes
O conde Ferdinand Graf von Zeppelin, um oficial do exército prussiano aposentado, patenteou na Alemanha, em 1895, o primeiro dirigível rígido do mundo, batizado com o seu nome. Uma nave em forma de charuto foi levantada por gás hidrogênio e por um motor de 16 cavalos de potência. Durante a I Guerra, zepelins foram utilizados pelos alemães em missões de bombardeio no Reino Unido, causando algum estrago.

Depois da guerra, começou o serviço comercial de passageiros. Em 1929 o Graf Zeppelin fez uma histórica volta ao mundo. Com a construção do maior dirigível do mundo, o Hindenburg, na década de 30, começa o serviço aéreo transatlântico. Mas em 6 de maio de 1937, no final de sua viagem inaugural pelo Atlântico, o Hindenburg pegou fogo ao tocar seu mastro de amarração em Lakehurst, New Jersey, nos EUA, matando as 36 pessoas a bordo. Depois do desastre os zepelins caíram em desuso e não resistiram à Segunda Guerra.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Dreadnought
ARMAS
19 de 100
O leviatã dos mares
Os mares nunca mais foram os mesmos depois dele. Uma verdadeira fortaleza flutuante, o HMS Dreadnought foi lançado pelos britânicos em 1906. Após sua apresentação, todos os navios de guerra de modelo semelhante começaram a ser nele inspirados. Toda potência mundial queria ter um dreadnought, que mostrava o poder bélico de uma nação, hoje podendo ser comparado com a bomba nuclear. Tamanho era o poder de destruição desse navio que, durante os anos de 1920 e 1930, foram assinados tratados internacionais para limitar a sua construção. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de novas armas e estratégias de guerra, o poder do dreadnought começou a ser superado. Com tecnologia ultrapassada, ele era facilmente afundado por torpedos, minas marítimas, mísseis e aeronaves. Aos poucos foram sendo substituídos pelos porta-aviões, que se tornaram os principais navios de guerra.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Revolução Russa
CONSEQUÊNCIAS
20 de 100
Fagulha acesa pela guerra
País continental e atrasado, a Rússia teve suas contradições expostas pela Revolução de 1905, considerada um ensaio para a Revolução de 1917. O país entrou na guerra contra a Alemanha e os chamados Impérios Centrais (Áustria-Hungria, Império Otomano e Bulgária) despreparado, com um enorme exército — o maior do conflito — inadequadamente armado, treinado e suprido. As enormes derrotas nos campos de batalha, com milhões de mortos e feridos, e as privações impostas à população civil contribuíram para virar o ânimo inicial pró-guerra num descontentamento generalizado.

Para explorar a situação, a Alemanha facilitou a passagem do líder revolucionário Vladimir Lenin, exilado na Suíça, por seu território num trem fechado em plena guerra de volta para a Rússia. Deflagrada a revolução em fevereiro de 1917 e vitoriosos os bolcheviques de Lenin em outubro, uma das primeiras medidas do novo governo foi retirar a Rússia da guerra.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Emancipação da mulher
CONSEQUÊNCIAS
21 de 100
Libertação do lar
Com os homens indo para o combate em números sem precedentes, a estrutura familiar modificou-se nos países envolvidos na guerra. A mulher passou a ir trabalhar fora para sustentar a casa e tomou de assalto fábricas, escritórios, repartições públicas e outros lugares antes dominados pelos homens. Com o final da guerra, o nascente movimento feminista reivindicou os avanços conquistadas durante o período para que não ocorressem retrocessos. Na Inglaterra, as mulheres conseguiram o direito de voto em 1918, no apagar do conflito.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Acordo Sykes-Picot
CONSEQUÊNCIAS
22 de 100
Novas fronteiras no Oriente Médio
O Acordo Sykes-Picot foi um compromisso secreto entre os governos do Reino Unido e da França que definiu as zonas de influência que ambas as nações teriam no Oriente Médio após a I Guerra. O acordo foi assinado em maio de 1916 e estabeleceu áreas de influência e controle sobre os despojos do Império Otomano após a guerra. O Reino Unido passaria a controlar os territórios dos atuais Jordânia, Iraque e uma parte de Haifa. Já a França passaria a controlar o Sudeste da Turquia, a Síria, o Líbano e Norte do Iraque. Em 1922, o Conselho da Sociedade das Nações confirmou legalmente o acordo em suas linhas gerais.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Declaração Balfour
CONSEQUÊNCIAS
23 de 100
Certidão de nascimento de Israel
Este documento é considerado um dos passos mais importantes em direção à criação do Estado de Israel, em 1948. Trata-se de uma carta de 2 de novembro de 1917 enviada pelo então secretário britânico de Assuntos Estrangeiros, Arthur James Balfour, ao líder da comunidade judaica do Reino Unido, Barão Rothschild. No texto, o governo deixa claro seu compromisso com a criação de um Lar Nacional judeu na Palestina após a guerra. A carta foi publicada na imprensa uma semana depois do envio.

Também foi incluída no tratado de paz assinado com o governo de um já decadente Império Otomano.

PALESTINE FOR THE JEWS.

OFFICIAL SYMPATHY.

Mr. Balfour has sent the following letter to Lord Rothschild in regard to the establishment of a national home in Palestine for the Jewish people :—

I have much pleasure in conveying to you, on behalf of his Majesty's Government, the following declaration of sympathy with Jewish Zionist aspirations which has been submitted to and approved by the Cabinet :—

> His Majesty's Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country.

I should be grateful if you would bring this declaration to the knowledge of the Zionist Federation.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Fim de impérios e novos países
CONSEQUÊNCIAS
24 de 100
Mapa renovado
A I Guerra mudou drasticamente o mapa europeu: quatro impérios foram desmantelados, países foram destruídos e territórios remanejados. Os impérios alemão, austro-húngaro, otomano e russo deixaram de existir e suas famílias reais foram destronadas. Nasceram daí como países independentes Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, Finlândia, Letônia, Estônia, Lituânia, e Áustria e Hungria se separaram. No Oriente Médio, Jordânia, Síria, Líbano, Iraque, Arábia Saudita e Israel têm suas origens em arranjos feitos no conflito. A Alemanha derrotada cedeu de volta à França a Alsácia e a Lorena, tomadas em 1871. Na imagem, a revolução em Berlim que derrubou a monarquia no fim da guerra.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Nazifascismo
CONSEQUÊNCIAS
25 de 100
Estrada para o totalitarismo
O nazifascismo é uma doutrina política que teve repercussão no começo da década de 1920 devido às insatisfações que Alemanha e Itália tiveram com os tratados que puseram fim à guerra e à crise do liberalismo. Suas tropas de choque eram compostas, sobretudo, por ex-combatentes. Na Alemanha, o grande nome à frente do nazismo foi Adolf Hitler, enquanto na Itália despontava Benito Mussolini. Dentre as características comuns que constituem o nazifascismo estão o nacionalismo, o totalitarismo, o anticomunismo (frente à ameaça da Revolução Russa), e o antiliberalismo. O nazismo incorporou um forte elemento de superioridade racial.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

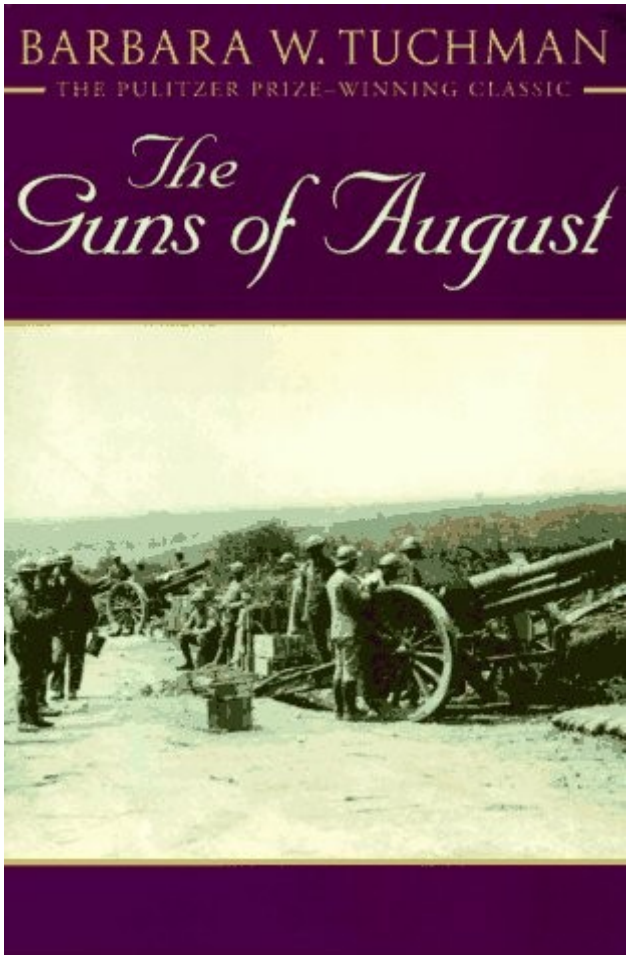
Liga das Nações
CONSEQUÊNCIAS
26 de 100
Precursora da ONU
A Liga das Nações foi uma organização internacional criada em 1919 como consequência da I Guerra. Durante o conflito, o presidente americano, Woodrow Wilson, havia defendido a ideia de se criar um órgão cujo objetivo era a preservação da paz. Porém, quando o Congresso dos EUA se negou em ratificar o Tratado de Versalhes, não pôde assumir uma cadeira na nova instituição.

A organização era dividida em uma Secretaria Geral permanente, uma Assembleia Geral que acontecia uma vez por ano com todos os países membros tendo direito a um voto e um Conselho Executivo.

Os mecanismos de atuação da Liga das Nações eram as sanções econômicas e militares, que se mostraram impotentes durante a invasão japonesa da Manchúria (1931), o ataque italiano à Etiópia (1935) e o ataque da Rússia à Finlândia (1939). Em 1946, após a Segunda Guerra Mundial, as funções da Liga das Nações foram transferidas para a recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU).

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Livros para entender a guerra
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
27 de 100
Os essenciais
Há milhares de livros para ajudar a entender a I Guerra, tema cujo interesse volta a ser despertado pelo centenário. Alguns, no entanto, são indispensáveis. Um deles é 'Canhões de agosto', da americana Barbara Tuchman, um dos grandes clássicos da análise historiográfica sobre o conflito. Diz-se que o presidente John Kennedy teria acabado de lê-lo durante a Crise dos Mísseis com a URSS, em 1962, e que a análise da historiadora sobre como decisões equivocadas podem levar ao desastre o teria influenciado a abrir um canal direto de comunicação com Moscou, evitando a guerra. 'Nada de novo no front', de Eric Maria Remarque, é o grande clássico ficcional, acompanhado de 'Adeus às armas', ficcional de tom autobiográfico de Ernest Hemingway. “Adeus a tudo isso”, de Robert Graves, entra na lista das autobiografias de guerra. O pesado “Johnny vai à guerra”, de Dalton Trumbo, é uma ficção que denuncia os horrores do conflito.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Rin Tin Tin
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
28 de 100Do canil no front para HollywoodO famoso cachorro que ganhou as telas do cinema, da televisão e também as ondas do rádio foi descoberto em 1918 num canil alemão bombardeado, em Toul-aux-Lorraine, na França, pelo cabo Lee Duncan, da Força Expedicionária dos EUA. Junto com ele, uma cadela também foi adotada pelo militar, mas acabou morrendo de pneumonia Os dois receberam os nomes de Rin Tin Tin e Nanette, tirados de um casal de bonecos que crianças francesas davam aos soldados americanos como amuletos de boa sorte.

O cabo resolveu treinar o cachorro que acabou aprendendo truques como saltar de grandes alturas. O produtor cinematográfico Charles Jones viu em Rin Tin Tin um cão de shows e o comprou para protagonizar filmes. O Rin Tin Tin original morreu em 1932, mas seus sucessores levaram adiante a franquia — alguns críticos de cinema afirmam que ela salvou o estúdio da Warner Brothers da falência.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Nada de Novo no Front
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
29 de 100
O grande clássico
O alemão Eric Maria Remarque partiu aos 18 anos para a I Guerra, durante a qual foi ferido diversas vezes. Depois, trabalhou como bibliotecário, editor e professor, até que, em 1929, lançou sua obra mais conhecida, que se tornou um dos maiores clássicos da literatura sobre o conflito. 'Nada de novo no front' conta a história de um soldado alemão que parte para a linha de frente da guerra com seus amigos. O livro narra o cotidiano de mortandade, frio e fome no campo de batalha, onde os personagens expõem uma visão crítica sobre a guerra, na qual eles lutam pelos interesses de ministros e generais que sequer conhecem, arriscando suas vidas enquanto os manda-chuvas estavam a salvo. Num trecho da obra, o soldado Paul Baumer consegue uma licença temporária e vai para sua cidade natal, onde percebe o abismo de opiniões entre a linha de frente e as cidades da Alemanha: enquanto para as tropas do país a derrota era uma questão de tempo, a população em geral ainda aguardava uma vitória triunfal. O livro virou filme em Hollywood.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Escritores na guerra
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
30 de 100
Inspiração nas trincheiras
A I Guerra foi um ponto alto para a literatura mundial, com grandes escritores tirando inspiração para obras primas diretamente do front. Foi o caso, por exemplo, do americano Ernest Hemingway (foto). Impedido de se alistar no início do conflito por seus problemas de visão, o autor conseguiu servir como motorista de ambulância na Itália, em 1915. A experiência inspirou-o no clássico “Adeus às Armas” (1926).

A Grande Guerra também serviu de inspiração para dois grandes escritores britânicos, John Ronald Reuel Tolkien e Clive Staples Lewis. O primeiro, autor dos épicos 'Senhor dos Aneis' e 'O Hobbit', começou a rascunhar as primeiras ideias da saga ainda entre uma batalha e outra na Europa. Amigo de Tolkien, Lewis também ficou marcado com as memórias do conflito, que inspiraram obras suas como o clássico 'Crônicas de Nárnia', obra publicada em sete volumes.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Carlitos
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
31 de 100
O vagabundo recrutado
No apagar das luzes da guerra, pouco antes de a Alemanha assinar um armistício para cessar as hostilidades e discutir planos de paz, o ator Charles Chaplin lançou um de seus primeiros filmes, 'Carlitos Nas Trincheiras' (1918). Nele, Chaplin é um herói convocado para uma perigosa missão atrás das linhas inimigas. A tarefa seria de extremo perigo, não fosse o fato de tudo ser apenas um sonho de recruta. Como em grande parte de suas obras, o cineasta faz ironias e brincadeiras com o conflito.

Destaque para o queijo Limburger usado como arma e a incursão de Carlitos em território inimigo 'camuflado' como uma árvore. Durante o conflito, com seu personagem o Vagabundo, ele já se tornara um superastro.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

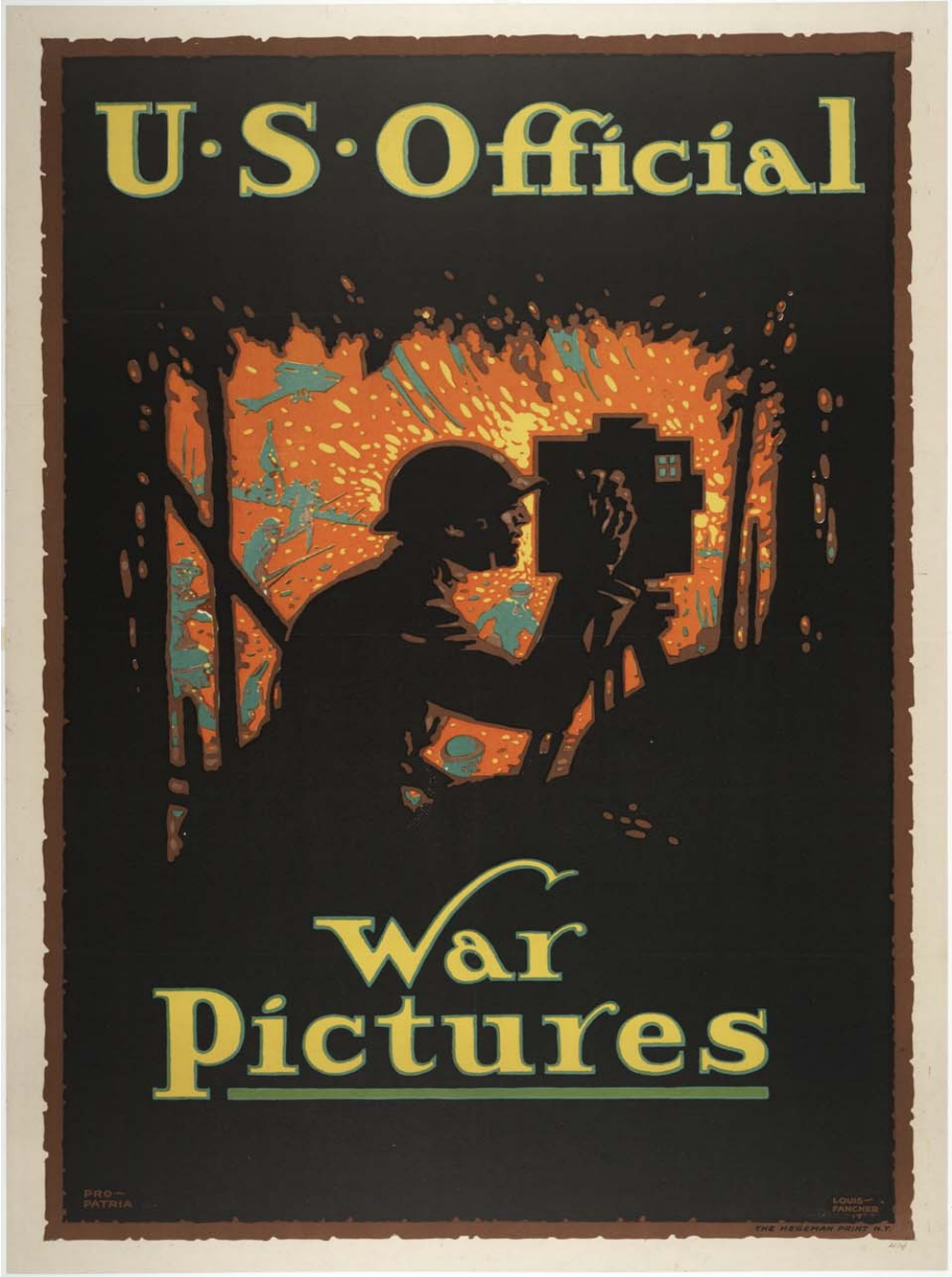
O Pickelhaube
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
32 de 100
Marca alemã
Feito de couro envernizado com uma ponteira metálica, o inconfundível capacete Pickelhaube faz parte da história militar da Alemanha. O equipamento foi confeccionado ainda no reinado de Frederico Guilherme IV da Prússia, em 1842, e se espalhou por outras nações europeias durante o século XIX. Em 1889, foi a vez de o Exército Brasileiro adaptar o modelo, na tentativa de se diferenciar da monarquia, deposta naquele ano. Durante a I Guerra, o uso do capacete pelos alemães foi considerado um erro tático, já que as cabeças dos soldados se tornavam as partes mais visíveis nas trincheiras, chamando atenção do inimigo. Naquela época, França e Inglaterra já utilizavam equipamentos redondos, em formatos semelhantes ao do nosso tempo.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

O Tio Sam
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
33 de 100
Recrutando para a guerra
Todo mundo conhece a imagem daquele senhor grisalho com cartola e paletó das cores dos Estados Unidos. O Tio Sam é um pouco mais velho do que parece: tem quase a mesma idade do próprio país. Em 1813, durante a guerra contra a Inglaterra, um empacotador de carnes de Nova York, responsável por colocar o produto em barris e distribuí-lo para as tropas, etiquetava os pacotes com as letras 'U.S', de United States. Mas soldados traduziram as siglas como 'Uncle Sam', o que foi reportado pelos jornais da época. A lenda do Tio Sam acabou ganhando feição com o desenho de Thomas Nast no final dos anos 1860. Mas foi só na I Guerra que a figura apareceu apontando para o observador em cartazes de recrutamento dizendo 'Eu quero você para o Exército dos Estados Unidos'.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Documentário
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
34 de 100
Imagens do front
A criação do que se convencionou a chamar de documentário é tão antiga quanto o próprio cinema em si. Na virada para o século XX, enquanto os irmãos Lumière produziam imagens reais sem grandes recursos, as obras de Georges Meliès se valiam largamente da ficção. Durante a I Guerra, houve maior interesse em mostrar em imagens vibrantes como era a vida no front, contada até então apenas nos jornais impressos. Dessa forma, a difusão de imagens cinematográficas ganhou força. Mas é nos anos 1920, logo após o fim da I Guerra, que se começa a consolidar o conceito de documentário.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Inimigo invisível

Além de inimigos sem rosto, sujeira, frio, piolhos e males como o tifo e a febre quintana, os soldados durante a I Guerra tiveram que enfrentar um dos piores exterminadores que a Humanidade já conheceu: a chamada gripe espanhola,[2] provocada pelo vírus Influenza A do subtipo H1N1. Frequentemente mortal, essa doença se abateu primeiramente sobre tropas britânicas, francesas e americanas estacionadas na França em abril de 1918. Em maio, a gripe atingiu países como Grécia, Portugal e Espanha. Até maio de 1919, o vírus mataria algo em torno de 40 milhões de pessoas no mundo, inclusive no Brasil, onde estima-se que cerca de 300 mil morreram. A falta de registros em diversas partes do planeta permite dizer que o braço mortal da gripe espanhola foi ainda mais devastador, fazendo desta a epidemia mais devastadora de todos os tempos.

2 Apesar de ser chamada “dripe espanhola”, ela foi, de forma nenhuma, originária da Espanha mas, provavelmente, nos EEUU, levada por soldados vindo de fazendas americanas. O nome foi universalizado por ser a Espanha neutra e, por isso, sem censura das mídias radiofônica e impressa, que divulgavam ao públicpo as estatísdticas da doença.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Nomes mudados
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
36 de 100
Troca de batismo
O sentimento antigermânico atingiu nomes de cidades e pessoas dos países que formavam a Tríplice Entente. Nos EUA, muitas pessoas com sobrenome Schmidt mudaram para Smith. Na Austrália, o German Gardens, no estado de Queensland, foi rebatizado de Belgian Gardens. Até o rei da Inglaterra, Jorge V (foto), aderiu à moda. Ele riscou da certidão o sobrenome Saxe-Coburg and Gotha e trocou-o por Windsor, de sonoridade incontestavelmente britânica. A dinastia de Windsor, fundada por ele, agora é comandada pela rainha Elizabeth II. Nos EUA, o popular sanduíche hambúrguer, originário da cidade alemã de Hamburgo, teve em alguns locais mais nacionalistas seu nome mudado para Salisbury Steak.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Declínio da aristocracia
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
37 de 100
O ocaso do gentleman
A elite britânica foi, proporcionalmente, a classe social com maior número de baixas durante a guerra. Filhos de ministros morreram, além de jovens que, acreditava-se, estariam à frente da classe política e comandariam os maiores bancos do país nas décadas seguintes.

Como assumiam a liderança dos pelotões, os 'gentlemen' - alunos de universidades como Oxford e Cambridge - estavam entre as primeiras baixas do front. Faltaram homens que, depois, dariam continuidade ao status quo anterior à guerra. Fora do campo de batalha, a aristocracia abriu a porta de suas mansões para que servissem como hospitais e casas de convalescença.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Imprensa
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
38 de 100
O front do papel
Na I Guerra, assim como em outras guerras, a imprensa foi importante instrumento para difusão de propaganda pelos governos de ambos lados do conflito, como sempre, às custas da verdade. em um esforço para sujar os nomes dos inimigos que atingiu níveis inéditos até então. A mídia nos dois lados da guerra acabou se enxergando como parte do conflito, muitas vezes demonizando o inimigo. No Reino Unido, os jornais estampavam manchetes como “Mãos de criança belga cortadas por alemães” ou “Alemães crucificam oficial canadense”, enquanto na Alemanha as notícias traziam títulos como “Médicos franceses infectam poços alemães com pragas” e “Prisioneiros alemães cegados pelos seus captores aliados”. Os relatórios de baixas também eram minimizados e os sucessos em batalhas enfatizados apesar dos poucos ganhos reais.

Le Petit Parisien

5 centimes — Le plus fort tirage des journaux du monde entier — 5 centimes

La France décrète la mobilisation générale

L'ALLEMAGNE DÉCLARE LA GUERRE A LA RUSSIE

La Situation

UNE PROCLAMATION DU GOUVERNEMENT

A la Nation francaise !

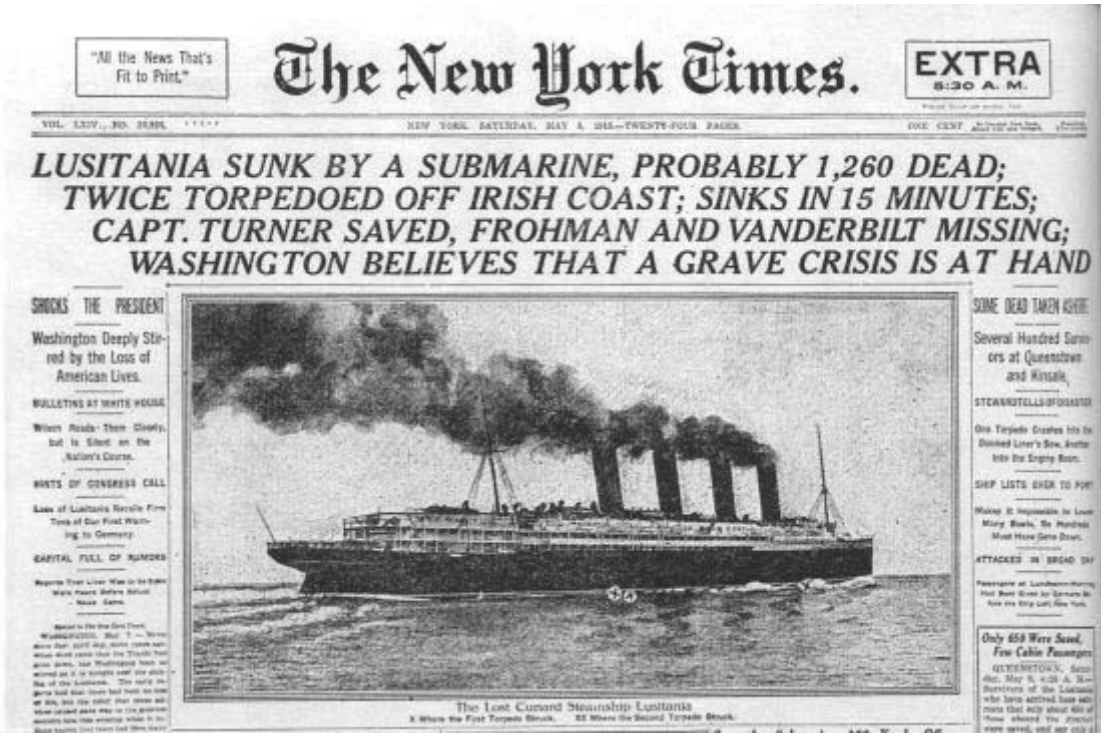
Comment les Parisiens accueillirent l'ordre de mobilisation

Le départ des mobilisés

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Afundamento do Lusitânia
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
39 de 100
O Titanic da guerra
Transatlântico de bandeira britânica, o RMS Lusitania deixou o porto de Nova York rumo a Liverpool em 1º de maio de 1915. Apesar de os EUA ainda estarem neutros na época, ele levava a bordo alimentos, suprimentos médicos, materiais e uma carga secreta de munição para ajudar no esforço de guerra do Reino Unido. Um dia antes, por sua vez, o submarino alemão U20 tinha partido da sua base em Emden com ordens de vigiar o Canal da Irlanda e afundar navios dos aliados a caminho ou saindo de Liverpool.

Como o Lusitania era mais rápido e um dos maiores navios a fazer a travessia do Atlântico então, achava-se que ele poderia escapar da perseguição dos submarinos alemães. Os destinos das duas embarcações se cruzaram no início da tarde de 7 de maio de 1915, quando o U20 disparou um torpedo que atingiu o Lusitania a estibordo. À explosão inicial seguiu-se outra ainda mais forte, provavelmente da carga secreta de munições, e o navio naufragou em menos de 20 minutos. O incidente matou mais de mil dos quase dois mil passageiros e tripulantes, entre eles 128 americanos que ignoraram alerta publicado pela Alemanha nos jornais de Nova York no dia de sua partida sobre o risco da viagem. O afundamento do Lusitania provocou a fúria da opinião pública em ambos lados do Atlântico, mas os EUA ainda levariam outros dois anos para entrar na guerra ao lado dos aliados.


"All the News That's Fit to Print."

The New York Times.

EXTRA 8:30 A. M.

LUSITANIA SUNK BY A SUBMARINE, PROBABLY 1,260 DEAD; TWICE TORPEDOED OFF IRISH COAST; SINKS IN 15 MINUTES; CAPT. TURNER SAVED, FROHMAN AND VANDERBILT MISSING; WASHINGTON BELIEVES THAT A GRAVE CRISIS IS AT HAND

SHOCKS THE PRESIDENT

Washington Deeply Stirred by the Loss of American Lives.

BULLETINS AT WHITE HOUSE

HINTS OF CONGRESS CALL

CAPITAL FULL OF RUMORS

SOME DEAD TAKEN ASHORE

Several Hundred Survivors at Queenstown and Kinsale.

STEAMSHIP TELLS DISASTER

SHIP LISTS OVER TO PORT

ATTACKED IN BROAD DAY

Only 650 Were Saved, Few Cabin Passengers

The Lost Cunard Steamship Lusitania

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Censura
FATOS & CULTURA & COTIDIANO
40 de 100
Informação controlada
No esforço para guiar a opinião pública e não deixar arrefecer o ânimo de guerra, todos os tipos de informações eram controlados, e os jornais só deviam publicar informações de interesse dos governos de seus respectivos países.

Aprovada em agosto de 1914, no Reino Unido, a Lei de Defesa do Reino (Dora), proibia informes ou declarações 'orais ou escritas, ou em qualquer jornal, periódico (...) ou outra publicação impressa' de questionar a autoridade do rei, o recrutamento ou a estabilidade do sistema monetário. Os censores também baniram notícias sobre a movimentação das tropas. A lista de baixas só começou a ser divulgadas em maio de 1915. O primeiro-ministro britânico, Lloyd George, chegou a admitir: 'O público conhece metade da história; a imprensa conhecia uns três quartos'. Na Alemanha, leis do século XIX foram recuperadas, suspendendo 'o direito de expressar opiniões livremente por meio oral, impresso ou fotográfico' e autorizando os comandantes militares regionais a censurar ou proibir publicações.

Le Numéro 10 Centimes

Le Canard Enchaîné

JOURNAL HUMORISTIQUE

Paraissant tous les Mercredis

LE HÉROS

Dessin censuré

Ici : Néant !

Incident

Article censuré

SOUS PRESSE

1916. "Le Canard" revient, et Anastasie aussi, qui l'habille en blanc dès les premiers numéros.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Batalha de Somme
LUTA SEM QUARTEL
41 de 100
De manobra secundária a carnificina
Considerada uma das maiores batalhas da I Guerra, a Batalha do Somme — em referência ao rio francês de mesmo nome — ocorreu entre julho e novembro de 1916.

A ofensiva dos Exércitos inglês e francês tinha como objetivo atravessar as linhas de defesas alemãs na região do Rio Somme. Como consequência da árdua batalha, uma enorme quantidade de mortes foi contabilizada nas duas frentes. O episódio era para ser uma manobra secundária para fazer um corredor paralelo de luta fora de Verdun, local do principal conflito. Porém, o número de óbitos em Somme foi superior. Além disso, os Aliados não conseguiram avançar mais do que oito quilômetros em 20 dias de luta devido às dificuldades com o arame farpado, a lama, o poder bélico e a posição de vantagem do alemães no terreno. A ofensiva também foi marcada pela estreia de tanques de guerra.

Durante os cinco meses de combate, mais de 1,2 milhão de vítimas, entre mortos e feridos, foram contabilizadas.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Batalha de Verdun
LUTA SEM QUARTEL
42 de 100
Duas vezes protagonista
Por duas vezes em um milênio o nome Verdun ligou-se à História. E sempre tendo franceses e alemães — ou seus antepassados francos e germânicos — como protagonistas. A primeira foi em 843, com a divisão do império de Carlos Magno. A segunda foi em 1916, quando França e Alemanha se enfrentaram num combate mortal na região do Nordeste francês. Entre 21 de fevereiro e 18 de dezembro de 1916, o inferno foi ali. Num terreno repleto de imperfeições, os Exércitos alemães e franceses enfrentaram-se com um resultado de quase um milhão de baixas — estimam-se que houve 300 mil mortes. Cronologicamente é a batalha com o maior tempo de duração, porém, comparada com o conflito em Somme, há menor número de óbitos.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Tamanho dos exércitos
LUTA SEM QUARTEL
43 de 100
Hordas em marcha
Com estimativas de cerca de 70 milhões de soldados mobilizados, sendo somente a Rússia com 18 milhões, a I Guerra caracterizou-se pela luta de trincheiras, cujos resultados não dependiam diretamente do tamanho do exército.

Entretanto, até mesmo como consequência dos avanços tecnológicos das décadas anteriores ao conflito, a I Guerra ocorreu em meio ao crescimento populacional na Europa, o que fez com que o tamanho dos exércitos também aumentasse. Na França foram mobilizados oito milhões, enquanto a Alemanha pôs 13 milhões em fardas. Já o Império Austro-húngaro levou aos campos de batalha cerca de nove milhões de soldados, o mesmo número do Reino Unido. A Itália, os Estados Unidos e as colônias inglesas mobilizaram seis milhões, quatro milhões e três milhões, respectivamente.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Dia do Armistício
LUTA SEM QUARTEL
44 de 100
O fim do início
Comemorado no dia 11 de novembro de 1918, o Dia do Armistício é considerado o fim da I Guerra. Marcada pela assinatura do Armistício de Compiègne, a data celebra a capitulação do Império Alemão diante dos Aliados após quatro anos e meio de guerra. Os canhões deveriam silenciar às 11h, mas algumas localidades só viram o fim das hostilidades horas depois.

Os principais signatários foram o marechal Ferdinand Foch, comandante em chefe das forças Aliadas, e Matthias Erzberger, representante alemão. A Alemanha, posteriormente, assinaria o Tratado de Versalhes, em 1919, pelo qual era obrigada a reduzir suas tropas, pagar pesadas indenizações aos vencedores, ceder suas colônias e devolver os territórios da Alsácia e da Lorena à França. Em 1940, com a França derrotada a seus pés, Hitler fez questão que a capitulação fosse assinada no mesmo local na floresta de Compiègne, no mesmo vagão de trem, retirado de um museu para completar a humilhação francesa.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Plano Schlieffen
LUTA SEM QUARTEL
45 de 100
A estratégia alemã
Obcecados com sua posição geográfica central na Europa, espremidos entre a França a oeste e a Rússia a leste, os alemães desde cedo desenvolveram um complexo de cerco e trabalharam estratégias para se prevenir de seu maior temor — uma guerra simultânea em duas frentes. Movido por esse medo, o chefe do Estado-Maior da Alemanha entre 1891 e 1906, conde Alfred von Schlieffen, desenvolveu uma estratégia para derrotar a França rapidamente, antes mesmo que a Rússia tivesse tempo de mobilizar-se e juntar-se à luta.

O chamado Plano Schlieffen previa a rápida invasão da França pelo grosso do Exército da Alemanha, aproveitando-se da extensa rede de ferrovias do país e de um planejamento minucioso. A campanha deveria estar terminada em seis semanas, a tempo de enviar as tropas para o leste e enfrentar o Exército russo, cuja mobilização levaria esse mesmo período para completar-se. O plano, no entanto, incluía a invasão da neutra Bélgica, a fim de propiciar espaço de manobra ao enorme Exército elamão e permitir-lhe flanquear as tropas francesas pelo norte. Com isso, estimava-se, o Reino Unido — garantidor da independência belga por tratado de 1839 — seria levado ao conflito. A expectativa de Schlieffen, no entanto, era que a guerra na frente ocidental estivesse terminada antes que a Força Expedicionária Britânica desembarcasse no continente. Uma versão desse plano foi aplicada em 1914 pela Alemanha, cuja esperada vitória rápida sobre os franceses foi frustrada na Batalha de Marne, impedindo um rápido desfecho à guerra.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Guerra nas colônias
LUTA SEM QUARTEL
46 de 100
Luta na periferia
Embora a I Guerra tenha sido disputada primordialmente na Europa e no Oriente Médio, a África e a Ásia, em escala muito menor, também foram palco de combates. Na África, a guerra estendeu-se às colônias alemãs nas partes ocidental, oriental e sudeste do continente; na Ásia, às possessões alemãs na China, na Nova Guiné e no Pacífico.

Na África Ocidental, a colônia de Togoland foi atacada simultaneamente pelos britânicos da Costa do Ouro (atual Gana) e pelos franceses do Daomé (Benin), levando à rendição da guarnição local em apenas 21 dias, ainda em agosto de 1914. No Kamerun (Camarões), a guerra durou até dezembro de 1915, quando as tropas alemãs remanescentes refugiaram-se na colônia espanhola de Rio Muni (atual Guiné Equatorial). Já no África do Sudoeste Alemã (atual Namíbia), o conflito envolveu tropas da vizinha África do Sul, então parte do Império Britânico. Depois de rechaçar uma invasão britânica na Batalha de Sandfontein, em setembro de 1914, as tropas alemãs entraram em território sul-africano, sendo por sua vez derrotadas e forçadas a retornar. Ao mesmo tempo, escaramuças ocorrem entre tropas alemãs e portuguesas de Angola, ao norte. Os conflitos em ambas as frentes chegam ao fim em julho de 1915, com a rendição dos alemães na Namíbia. A oeste, a luta centrou-se na África Oriental Alemã (atuais Tanzânia, Ruanda e Burundi), e estendeu-se aos territórios dos atuais Quênia, Zimbábue, Moçambique e Congo — então colônias de Reino Unido, Portugal e Bélgica. As campanhas terminaram em 1917 com a derrota alemã, exceto por grupos guerrilheiros que permaneceram em Moçambique até 1918.

Na Ásia, a colônia alemã de Samoa foi ocupada sem derramamento de sangue por tropas neozelandesas em agosto de 1914, e a da Nova Guiné caiu após rápidos combates até o início de 1915. A colônia de Tsingtao, na China, também foi ocupada após cerco por tropas britânicas, japonesas e chinesas em novembro de 1914.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Trégua de Natal
LUTA SEM QUARTEL
47 de 100
Noite feliz
Parece história de “Sessão da tarde”. Mas no período de festejos de final do ano de 1914, inimigos no campo de batalha protagonizaram um dos momentos mais tocantes — e insólitos — da guerra num armistício informal. Tudo começou na semana anterior ao Natal, quando soldados dos Exércitos alemão e britânico fizeram festas em suas trincheiras e saudaram-se de longe. Alguns arriscaram-se a sair das trincheiras para a chamada terra de ninguém, onde confraternizaram com o inimigo. Há relatos de que ocorreram trocas de presentes entre os inimigos e até partidas de futebol. A trégua espalhou-se por dezenas de quilômetros da frente ocidental.

Apesar de ter se transformado num episódio simbólico, a confraternização não ocorreu em todas as regiões, e repetiu-se em escala muito menor em 1915. Temerosos de seus efeitos, os comandos militares deram ordens expressas para impedir que ocorresse novamente.

Friday, January 8, 1915.

The Daily Mirror

CERTIFIED CIRCULATION LARGER THAN ANY OTHER DAILY NEWSPAPER IN THE WORLD

WHY DELAY? THE DAILY MIRROR OVERSEAS WEEKLY EDITION contains all the Latest and Best War Pictures and News, and is therefore the Best Weekly Newspaper for your friends abroad. You can obtain it from your Newsagent for 3d. per copy.
Subscription rates (prepaid), post free, to Canada for six months 10/-; elsewhere abroad 15/-.
Address—Manager, "Overseas Daily Mirror," 23-29, Bouverie Street, London, E.C.

AN HISTORIC GROUP: BRITISH AND GERMAN SOLDIERS PHOTOGRAPHED TOGETHER.

Foes became friends on Christmas Day, when the British and Germans arranged an unofficial truce. The men left the trenches to exchange cigars and cigarettes, and were even photographed together. This is the historic picture, and shows the soldiers of the opposing Armies standing side by side.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

O dia mais sangrento
LUTA SEM QUARTEL
48 de 100
Matadouro britânico
Em dez anos de guerra no Iraque, os EUA perderam cerca de 4.500 militares. Só em 1º de julho de 1916, porém, o Exército britânico teve 19.240 homens mortos. Foi o início da Batalha de Somme, o dia mais sangrento da guerra e da História do Exército britânico, que contaria outros 37 mil feridos. O assustador número de baixas entre os britânicos — contra os 1.590 franceses e entre dez mil e 12 mil alemães mortos e feridos — deveu-se a uma combinação de confiança demasiada entre seus comandantes e inexperiência de muitos recrutas, que ali tiveram seu batismo de fogo.

O início da batalha ocorreu com um bombardeio às 6h30m, logo após a refeição ser servida nas tropas britânicas. Os alemães já estavam prevenidos de que uma ofensiva era iminente, alertados por uma semana de bombardeio intenso, que causara poucos estragos em suas bem fortificadas trincheiras. Tão confiantes estavam os comandantes britânicos que ordenaram a suas tropas que caminhassem rumo às trincheiras inimigas. As metralhadoras alemãs fizeram o resto. O massacre foi total: do lado britânico, 60% dos oficiais que participaram do ataque foram mortos. Houve tantos feridos que alguns tiveram de esperar uma semana por resgate na zona entre as trincheiras, sobrevivendo com rações de companheiros mortos.

Ⓒ - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Baixas na guerra
LUTA SEM QUARTEL
49 de 100
Inferno na Terra
Com cerca de dez a 16 milhões de mortos — entre militares e civis — e 20 milhões de feridos, a I Guerra teve um enorme impacto nas sociedades em diversos países, causando modificações profundas nas relações sociais e políticas. Um dos exemplos é a emergência do movimento feminista.

A maioria das mortes — cerca de 70% das registradas em campos de batalha — ocorreu devido a disparos de artilharia. O gás venenoso deixou 20 mil mortos e, no total, entre cinco e seis milhões de soldados sofreram mutilações.

A Rússia e a Alemanha foram as nações que tiveram mais mortes em suas fileiras. Estimativas apontam que os números chegam a dois milhões em cada nação.Já o Reino Unido teve entre 700 mil e 900 mil mortos, enquanto a França perdeu 1,3 milhão. A Itália, por sua vez, teve entre 460 mil e 650 mil mortos, enquanto o Império Austro-Húngaro registrou até 1,5 milhão de mortes.Os EUA tiveram 116 mil mortos.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Batalhões de camaradas
LUTA SEM QUARTEL
50 de 100
Unidos até a morte
Uma das formas de incentivar o alistamento no Exército britânico foi a formação de pelotões de amigos, conhecidos, vizinhos ou moradores das mesmas localidades. Os chamados “batalhões de camaradas” foram formados, por exemplo, por funcionários de uma mesma empresa, escola ou qualquer segmento e região específicos. Dois exemplos foram tropas criadas com lutadores de boxe e jogadores de futebol, como o Harrogate Town AFC (foto).

Alguns destes pelotões eram tão disputados que taxas eram cobradas para que um novo soldado pudesse integrá-las. A união dos membros destes batalhões causou alguns problemas quando, por questões de estratégia de guerra, era necessário separar as tropas. A Batalha do Somme, em 1916, causou devastação em vários desses agrupamentos: só no primeiro dia, o mais sangrento de todos, 235 dos cerca de 700 Companheiros de Accrington foram mortos num espaço de 20 minutos, enquanto outros 350 caíram feridos.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

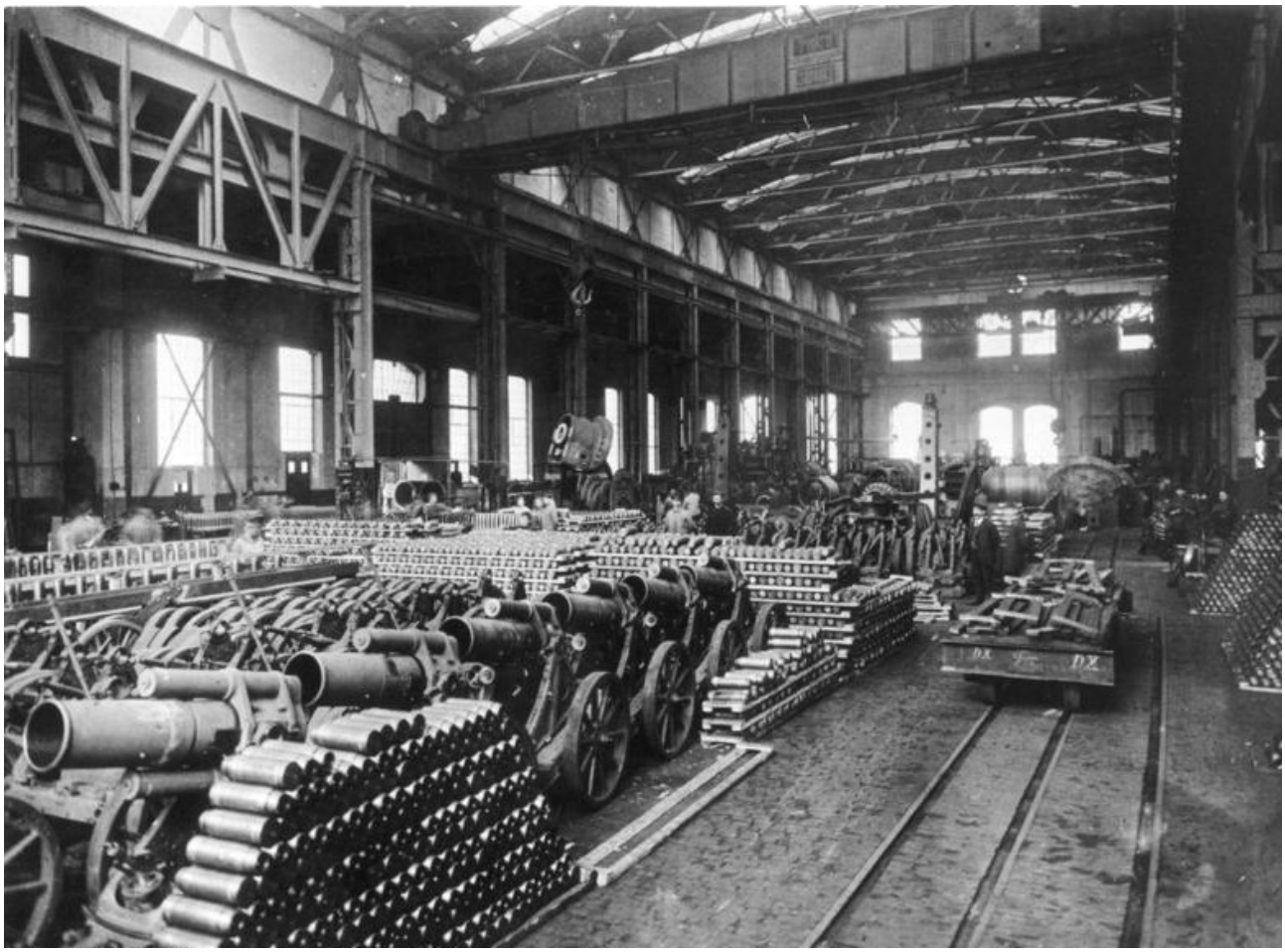
Fuga em massa
LUTA SEM QUARTEL
51 de 100
Sem esperar o inimigo
Muitos locais de batalhas durante a I Guerra transformaram-se em cidades-fantasmas. Quando os primeiros sinais de que a guerra se aproximava ou uma batalha era iminente numa determinada região, a população partia em fuga. Cidades como Verdun transformaram-se exclusivamente em redutos militares com trincheiras. Diante do avanços de tropas inimigas, os moradores muitas vezes punham-se em fuga. Os massacres entre a população civil belga pelo Exército alemão logo no início da guerra contribuíram para espalhar o terror.

O medo da guerra também tomou capitais como Paris, onde os alemães chegaram a menos de 30Km da cidade em setembro de 1914. Quase 70 mil moradores fugiram.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Esforço de guerra
LUTA SEM QUARTEL
52 de 100
A nação em armas
Realizada entre nações industrializadas, a I Guerra foi o primeiro conflito em escala global envolvendo o conceito de guerra total — cuja pioneira foi a França revolucionária no fim do século XVIII, que mobilizou todos os seus recursos humanos e econômicos para enfrentar os inimigos.

Com 70 milhões de soldados envolvidos nos quatro anos e meio de combates, os principais países participantes no conflito tiveram de mobilizar toda a sua capacidade produtiva para a guerra. Fábricas foram orientadas à produção militar, o racionamento de alimentos foi introduzido, veículos civis foram requisitados. Com o avanço do conflito, medidas extremas foram tomadas: o Reino Unido adotou o recrutamento militar obrigatório, e a Alemanha aprovou uma lei que forçou mais de dois milhões de trabalhadores a deixarem os campos pelas fábricas de armas e munições. A estimativa total de gastos na guerra foi de US$ 180 bilhões — o equivalente a US$ 2,8 trilhões no câmbio atual.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Desertores e objetores de consciência
LUTA SEM QUARTEL
53 de 100
Contra matar e morrer
O estresse e as terríveis condições das trincheiras fizeram com que milhares de soldados das mais diferentes nações desertassem. Muitos foram fuzilados como exemplo, para impedir danos ao moral combativo das tropas. Porém, as famílias dos combatentes ainda sofriam censura mesmo com o fim da guerra, marcadas pela deserção de um de seus membros. Situação semelhante viveram os chamados objetores de consciência — homens que por princípio moral, religioso ou ético não aceitavam ir para a guerra. Milhares foram enviados a campos ou prisões. No Reino Unido, uma campanha foi feita em que mulheres davam penas brancas a homens que não vestiam a farda, denunciando sua suposta covardia.

O trauma perdurou muito após o fim da guerra. Em 2006, o ministro da Defesa britânico, Des Browne, requisitou um pedido de perdão coletivo ao Parlamento para os 306 soldados fuzilados por deserção. “Estou tão aliviada que essa tormenta esteja agora terminada e posso ficar feliz que a memória de meu pai está intacta”, comemorou na ocasião Gertrude Harris, de 93 anos, cujo pai, o soldado Harry Farr, foi fuzilado por covardia na Batalha de Somme.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Esportes no campo de batalha
LUTA SEM QUARTEL
54 de 100
Bala na agulha e bola na rede
Enquanto a I Guerra eclodia, vários esportes de massa estavam em processo de popularização e acabaram se transformando em atividades de lazer para os soldados. Um dos exemplos é o futebol. O parlamentar britânico William Joynson-Hicks incentivou que batalhões formassem times de futebol e realizassem partidas de exibição em todo o país como forma de incentivar o recrutamento de voluntários para o combate.Com o slogan “Jogue o Grande Jogo e se Aliste no Batalhão do Futebol”, a Inglaterra criou fama em soldados que passaram a representar o orgulho inglês através do esporte. Já o vôlei foi introduzido pelos soldados americanos durante o conflito e era jogado nos horários livres e entre turnos como forma de aliviar a tensão da batalha.

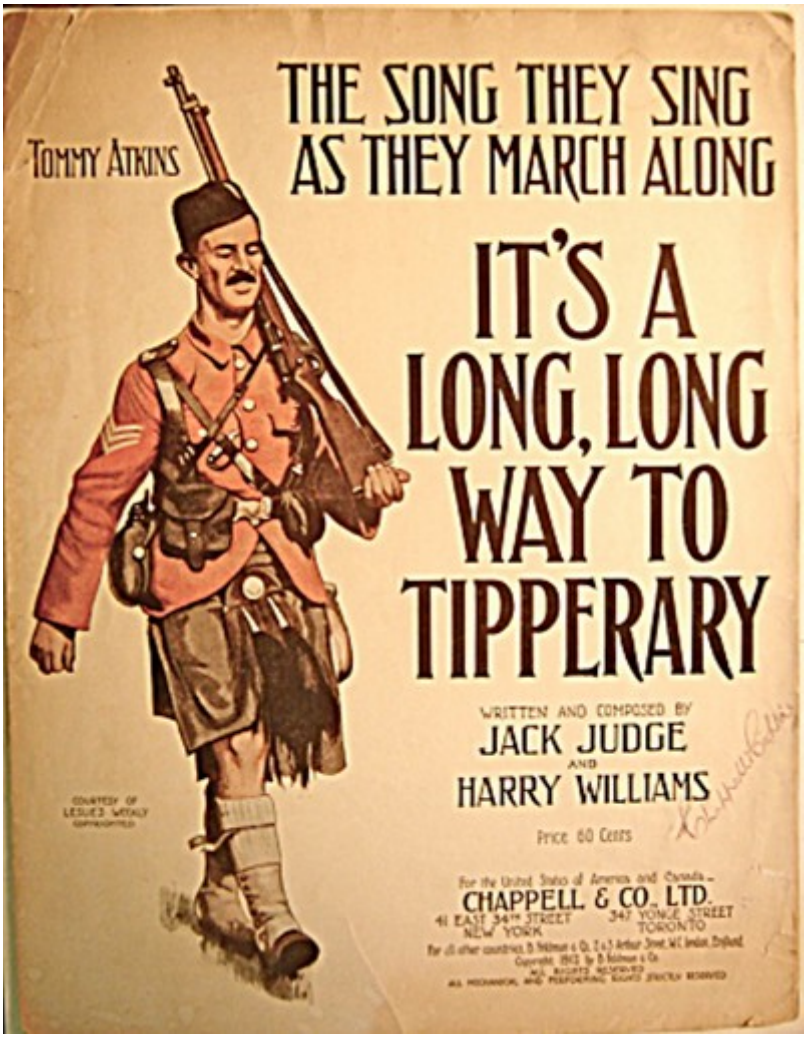
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Sexo nos campos de batalha
LUTA SEM QUARTEL
55 de 100
Desejo proibido
Com dezenas de milhões de homens mobilizados, o sexo nos campos de batalha tornou-se um fator importante durante a I Guerra. Na França, os bordéis eram tolerados ou mesmo legalizados e atendiam à maior parte das necessidades sexuais dos combatentes, que para lá corriam nas poucas horas de licença do front. Em sua famosa autobiografia “Adeus àquilo tudo”, o capitão Robert Graves disse que “eles não queriam morrer virgens”. Em 1917, contaram-se pelo menos 137 bordéis em 35 cidades perto da linha de frente. Havia diferentes atitudes dos comandos, alguns sancionando visitas a prostitutas, outros condenando. Soldados e oficiais muitas vezes frequentavam diferentes bordéis. Muitos militares, no entanto, relataram a falta de desejo sexual nas trincheiras. Já os relacionamentos homossexuais eram escondidos e vítimas de penalidades, enquanto o estupro de mulheres de nações inimigas era frequentemente visto com naturalidade – e até enaltecido – por alguns países. No final da guerra, com o alto número de recrutas de colônias de fora da Europa na luta, a taxa de estupros aumentou consideravelmente. Na foto, bordel móvel para oficiais austríacos.

Mobiles Feld-Freudenhaus für Offiziere, in einer Art Zirkuswagen untergebracht
Photographische Aufnahme (»A.-I.-Z.«)

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Canções de guerra
LUTA SEM QUARTEL
56 de 100
No ritmo da marcha
Nas trincheiras, marchando e em quartéis, os soldados cantavam músicas para matar a saudade de casa, ganhar coragem para as batalhas ou mesmo para ridicularizar os pacifistas da época que se opunham ao conflito. Composta em 1912, ‘It's a Long Way to Tipperary' lembrava quão distante estava a cidade de Tipperary, na Irlanda, mas também homenageava o som e o metrô das ruas de Londres assim como “a garota mais doce” que Jack Judge, o autor, já havia conhecido. Algumas, porém, tem seu real significado em disputa. Para alguns, “Oh It's a Lovely War” (1917) é uma ode ao recrutamento dos soldados. Mas o exagero da adoração pela lama e pelas rações de guerra deixa claro que a canção é uma denúncia contra o conflito. Algumas canções ganharam notoriedade sem entrar no repertório dos soldados. A marcha patriótica “Adeus da garota eslava” ficou famosa na Rússia e nos países vizinhos ao ser tocada quando as tropas do czar partiam para a batalha. Já a francesa “La Madelon” entrou no gosto popular ao contar a história de soldados flertando com uma garçonete numa taverna do interior.



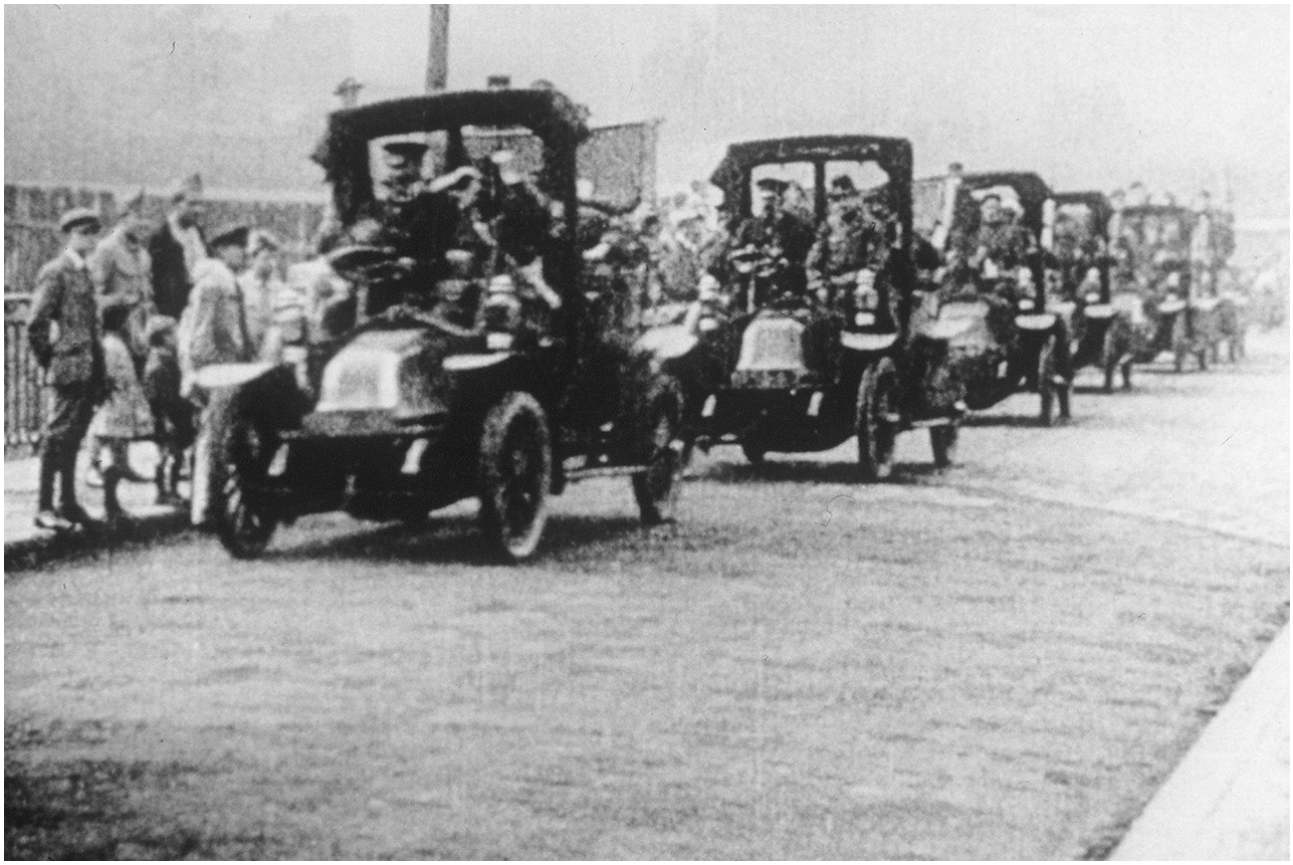
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Combates aéreos
LUTA SEM QUARTEL
57 de 100
Um novo campo de batalha
Inventado no início do século, o avião entrou na guerra como um instrumento de reconhecimento de territórios que seriam disputados por soldados com baionetas em punho, mas logo tornou os céus um novo cenário para as batalhas, antes travadas na terra e no mar.

E introduziu na história das guerras um novo personagem, o ás da aviação, idolatrado pela imprensa e pelo público, ávidos de heróis em meio à matança. Inicialmente, os combates aéreos se davam com revólveres e rifles que os pilotos levavam a bordo. Com a introdução da metralhadora, os aviões ganharam potencial ofensivo. O maior ás de todos foi o alemão Manfred von Richthoffen, o famoso Barão Vermelho, com 80 inimigos abatidos. Pelo Império Britânico foi o canadense Billy Bishop, com 72 aviões derrubados, e entre os franceses, René Fonck contabilizou 75 — o recorde nas fileiras aéreas aliadas.

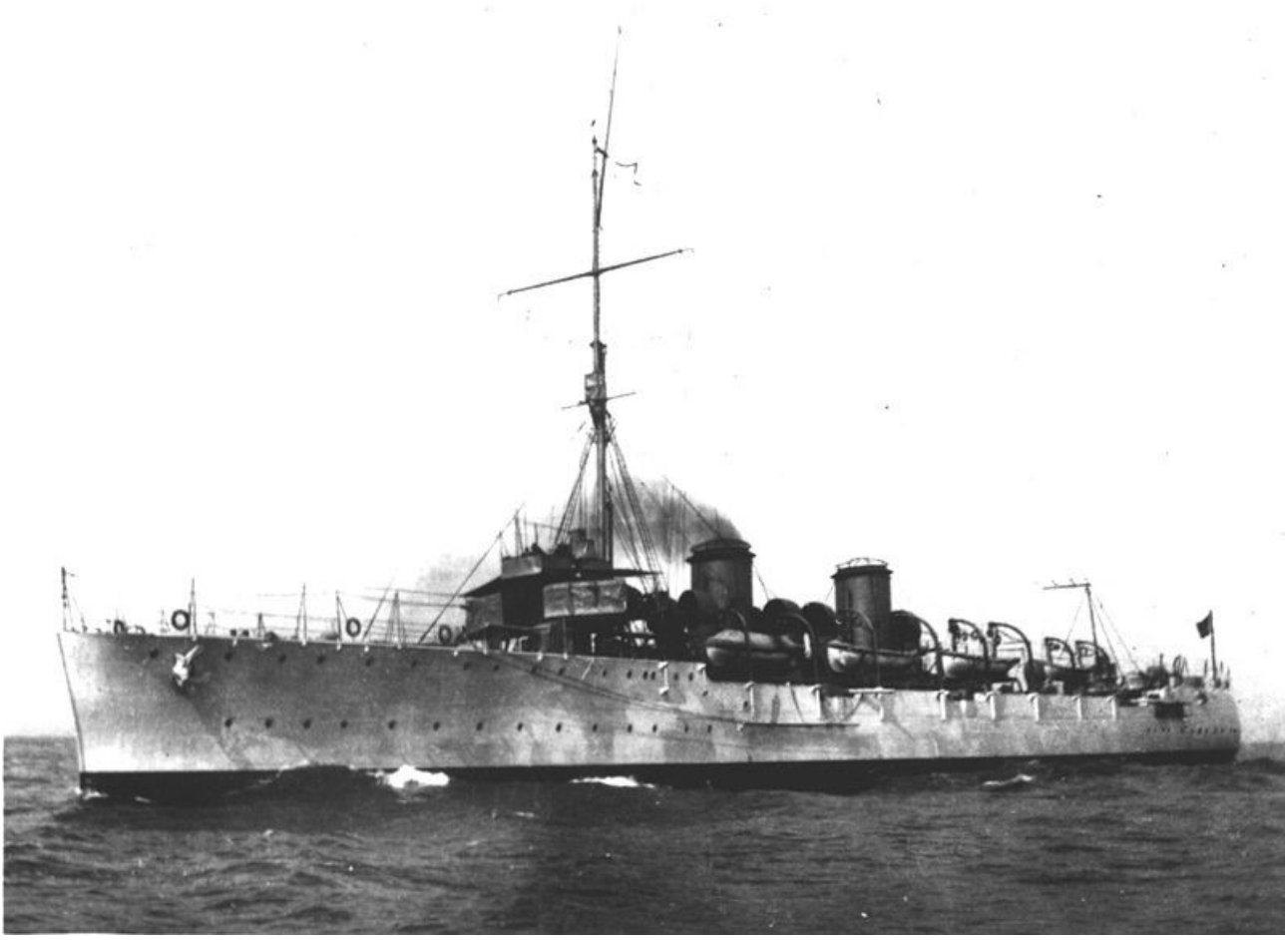
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Batalha de Marne
LUTA SEM QUARTEL
58 de 100
Ofensiva barrada
As tropas alemãs que avançavam rapidamente sobre terreno francês no início da guerra encontraram-se diante de um agressivo contra-ataque formado por forças aliadas às margens do Rio Marne. De 5 a 12 de setembro de 1914, os dois exércitos se enfrentaram numa batalha sangrenta que terminou com vitória dos Aliados. Os alemães se viram obrigados, então, a interromper a marcha em direção a Paris, que ficava menos de 30Km de distância. Eles foram empurrados para o Nordeste da França, dando início à famosa 'Corrida para o mar', que resultou em quatro anos de escavação de trincheiras de ambos os lados. A Batalha de Marne é considerada uma grande vitória aliada ao interromper os planos estratégicos do Exército alemão de uma rápida vitória na frente ocidental, o que possibilitaria a relocação da maior parte dos exércitos do kaiser para a frente russa.Na foto: taxis parisienses levando tropas à batalha.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Brasil na guerra
LUTA SEM QUARTEL
59 de 100
Antes dos pracinhas
As tropas alemãs que avançavam rapidamente sobre terreno francês no início da guerra encontraram-se diante de um agressivo contra-ataque formado por forças aliadas às margens do Rio Marne. De 5 a 12 de setembro de 1914, os dois exércitos se enfrentaram numa batalha sangrenta que terminou com vitória dos Aliados. Os alemães se viram obrigados, então, a interromper a marcha em direção a Paris, que ficava menos de 30Km de distância. Eles foram empurrados para o Nordeste da França, dando início à famosa 'Corrida para o mar', que resultou em quatro anos de escavação de trincheiras de ambos os lados. A Batalha de Marne é considerada uma grande vitória aliada ao interromper os planos estratégicos do Exército alemão de uma rápida vitória na frente ocidental, o que possibilitaria a relocação da maior parte dos exércitos do kaiser para a frente russa.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

O maior exército
LUTA SEM QUARTEL
60 de 100
O gigante armado
Com 18 milhões de soldados, o contingente russo era o maior de todas as nações até 1917, quando saiu da guerra devido à eclosão da revolução em seu país. Apesar da grande quantidade, a qualidade dos soldados e dos equipamentos nos campos de batalha comprometeu a força bélica. Cerca de dois milhões de russos morreram em combates e cinco milhões ficaram feridos. Uma das razões era a ineficiência do seu apoio logístico. Era comum existirem soldados no front sem armas para se defenderem. Além disso, mesmo após uma derrota recente contra o Japão na guerra de 1904-1905, o Exército russo ainda insistia em táticas de guerras ultrapassadas.

O largo território do país também foi um problema. Com grandes áreas para defender, as falhas nos transportes tornaram-se irremediáveis. As ferrovias eram insuficientes e os veículos motores não conseguiam levar grandes contingentes, além de passarem por estradas irregulares que danificavam os carros.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Harlem Hellfighters
LUTA SEM QUARTEL
61 de 100
Segregados mas patriotas
Até a existência do Harlem Hellfighters, americanos negros só podiam defender os Estados Unidos na I Guerra caso se alistassem em outros Exércitos, como o canadense ou o francês. Mas, após as ações do 369º Regimento da Infantaria, como o batalhão era formalmente conhecido, parte do público americano mudaria de opinião em relação aos soldados negros. O nome ajuda a explicar: foram os próprios alemães que batizaram o regimento com a palavra hell, inferno em inglês. Em todos os combates, esses soldados não perderam um único homem e não permitiram nem um metro de avanço das linhas inimigas. Em abril de 2014 a revista em quadrinhos “The Harlem Hellfighters” foi lançada para contar, de forma ficcional, a história desse batalhão.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Genocídio armênio
LUTA SEM QUARTEL
62 de 100
O primeiro Holocausto
O genocídio armênio, ou 'Grande Crime' como foi batizado na língua armênia, foi o extermínio — como decorrência de massacres sistemáticos ou deportações forçadas — pelo governo otomano, das minorias armênias que viviam numa área onde hoje é a Turquia. O então Império Otomano lutou ao lado da Alemanha, e os armênios cristãos seriam tidos como aliados naturais dos russos. Muitos consideram que a data de início do genocídio foi 24 de abril de 1915, quando as autoridades otomanas cercaram e prenderam cerca de 250 intelectuais armênios e líderes comunitários em Istambul, então Constantinopla. O genocídio ocorreu durante e após a I Guerra e foi implementado em duas fases: assassinato ou escravização dos homens, e deportação de mulheres, crianças, idosos e doentes — muitos morreram atravessando o deserto sírio. O número total de mortos é estimado entre um milhão e 1,5 milhão. A ocorrência do genocídio até hoje é objeto de discussões, sendo contestada pela Turquia — que alega não ter havido um genocídio sistemático, e sim mortes ocorridas durante grandes deslocamentos de populações em condições adversas. Hoje, 23 países reconhecem oficialmente o genocídio.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Mulheres na guerra
LUTA SEM QUARTEL
63 de 100
O forte sexo frágil
As mulheres foram mobilizadas em números sem precedentes. A maioria delas foi convocada para substituir os homens recrutados e trabalharam em fábricas de munições ou na indústria civil. Mas milhares também serviram às Forças Armadas em vários países em funções de apoio, por exemplo, como enfermeiras, motoristas de ambulância e operando telecomunicações. Na Rússia, porém, elas foram à guerra. Batalhões de mulheres foram criadas após a Revolução de Fevereiro, e as russas chegaram a compor três batalhões femininos sob a instigação de Maria Bochkareva, que lutava desde 1914. Uma britânica, Flora Sandes, se destacou por sua atuação na Sérvia, onde chegou como enfermeira e acabou fazendo parte, formalmente, do Exército do país, sendo promovida a capitã. Muitas também foram à guerra como jornalistas, cobrindo na maioria das vezes temas ligados ao que se considerava o interesse feminino, como mulheres, crianças e hospitais. Na foto: sufragista britânica Emmeline Pankhurst (à esq.) e Maria Bochkareva à frente do batalhão de mulheres.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Batalha da Jutlândia
LUTA SEM QUARTEL
64 de 100
Empate nos mares
Durou apenas dois dias, entre 31 de maio e 1º de junho de 1916, mas foi provavelmente a maior batalha naval que o mundo já viu, com 151 navios do lado britânico e 99 do lado alemão. O conflito ocorreu no Mar do Norte, próximo à Jutlândia, na costa da Dinamarca. O grande diferencial alemão foi o uso de submarinos, que eram utilizados como parte de uma estratégia de emboscada da esquadra dos aliados (australianos e canadenses tiveram uma participação menor). Taticamente, ninguém saiu claramente vitorioso. As perdas britânicas foram altas (cerca de seis mil vidas e mais navios perdidos), mas eles conseguiram manter a área fora do domínio dos alemães, que perderam 2,5 mil vidas. Depois disso, a Marinha alemã não se aventurou mais em grandes operações fora de suas bases.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

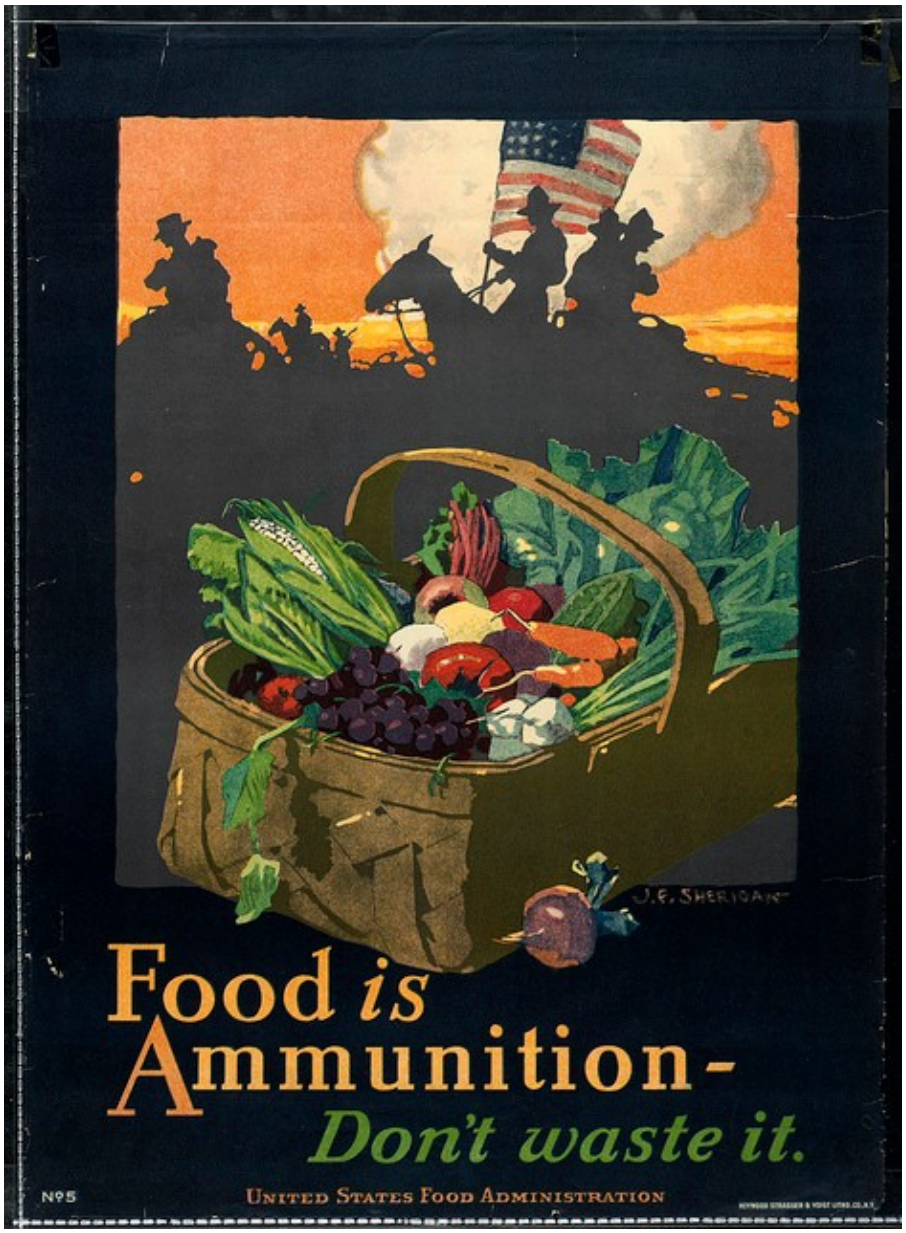
Batalha de Tannenberg
LUTA SEM QUARTEL
65 de 100
Desastre na Prússia Oriental
A Batalha de Tannenberg, menos de um mês depois que começou a guerra em 1914, foi um dos maiores desastres militares da Rússia, que lançou um grande ataque em duas frentes na Prússia Oriental, utilizando seus 1º e 2º Exércitos. Mas os alemães, que se moviam rapidamente, ajudados pelo planejamento do coronel Maximilian Hoffman e pela captura de duas mensagens não criptografadas que revelavam as intenções dos russos, foram capazes de cercar o 2º Exército antes que ele pudesse articular-se com o 1º.

Esta foi provavelmente a mais completa e espetacular vitória da 1ª Guerra Mundial — o cerco e a destruição do 2º Exército Russo virtualmente acabou com a invasão russa da Prússia Oriental, antes mesmo de ter realmente começado. Os russos perderam 90 mil homens.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Racionamento
LUTA SEM QUARTEL
66 de 100
Comida contada
Pela primeira vez na História adotou-se o racionamento como política de guerra, iniciado na Alemanha e estendido a todos os países, em maior ou menor grau, para assegurar as necessidades básicas das Forças Armadas, bem como um mínimo de alimentos a todos os cidadãos. As filas para compra de comida em bairros operários de Berlim, Viena e Budapeste, por exemplo, eram imensas. Além disso, o rigoroso sistema de racionamento alemão determinou como seria tratada a população dos países ocupados e os prisioneiros de guerra. A pilhagem progressiva dos recursos locais condenava o povo à inanição, particularmente nas áreas pobres de alimentos dos Bálcãs.

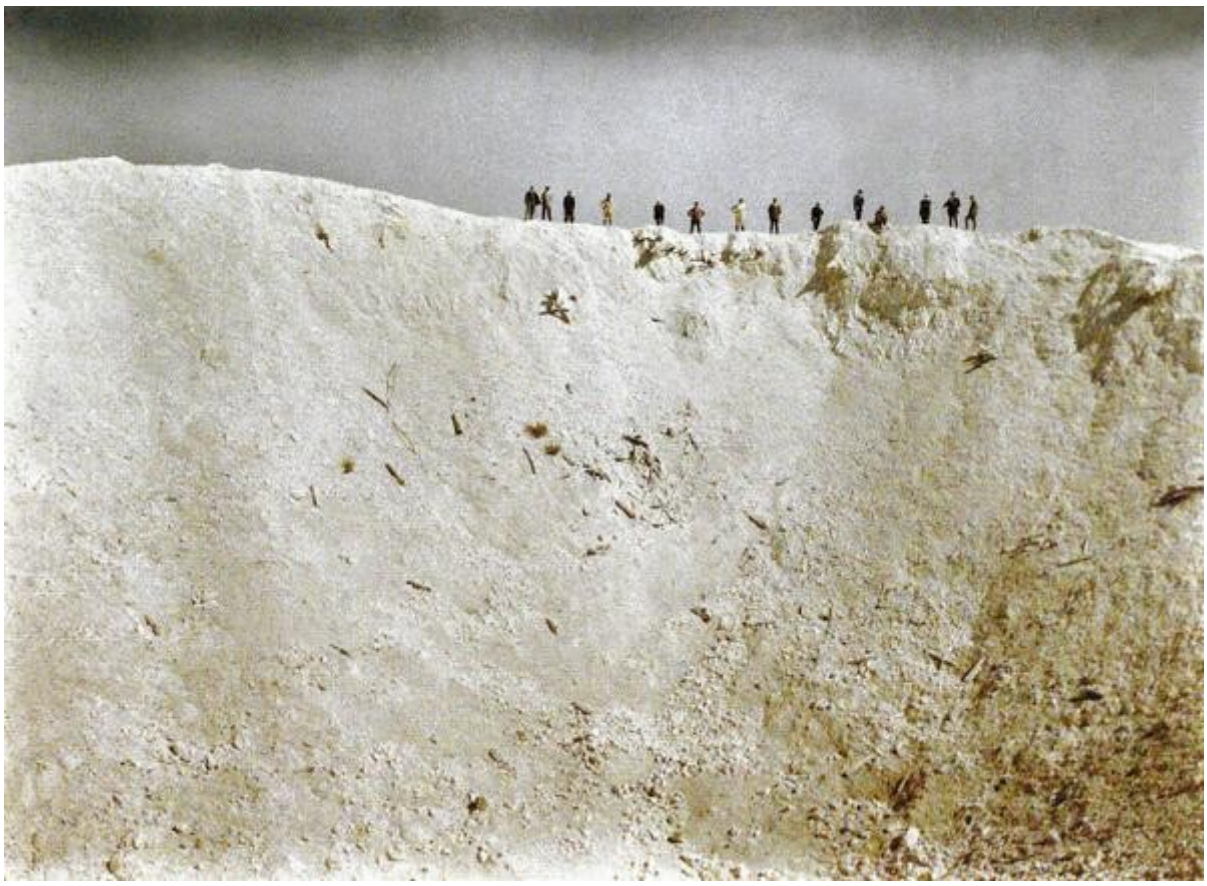
No Reino Unido, o sistema começou na véspera do Ano Novo de 1917. O racionamento, inicialmente aplicado apenas ao açúcar, logo se estendeu a alimentos como carne, manteiga, margarina e chá. Para evitar a fome ainda maior, mais de 250 mil mulheres, juntamente com os soldados com deficiências e até prisioneiros de guerra alemães, foram mobilizadas para o cultivo de alimentos, substituindo os trabalhadores rurais que, junto com os cavalos, tinham ido para a linha de frente.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Megaexplosão
LUTA SEM QUARTEL
67 de 100
Antes de Hiroshima
Soldados britânicos, canadenses e australianos levaram seis meses para cavar 7Km de túneis sob as trincheiras alemãs na Serra de Messines, ao sul da cidade francesa de Ypres. Pelo menos 19 minas foram plantadas, com um total de quase 500 toneladas de explosivos. No dia 7 de junho de 1917, 17 das minas explodiram de uma vez. “Parecia que a serra se erguera e se sacudia”, escreveu um capitão do Real Regimento de Engenharia inglês. “Então, ao longo da linha inimiga, surgiram rolos de fumaça com estranhas formas, expandindo-se como um monte de guarda-chuvas e cobrindo com um manto negro as crateras abertas no solo.”

Para os alemães, o efeito foi de um cataclismo. Estima-se que cerca de dez mil morreram nas explosões ou soterrados, e mais sete mil foram presos. Para se ter ideia da intensidade das explosões, uma delas abriu uma cratera de 130 metros de diâmetro. Na manhã seguinte, um general encontrou “quatro oficiais alemães sentados em torno de uma mesa, todos mortos pelo choque. Do total, duas minas não explodiram. Uma detonou em 1955 durante uma tempestade, provavelmente atingida por um raio. A outra permanece debaixo da terra, sem nunca ter sido encontrada.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Tropas coloniais na Europa
LUTA SEM QUARTEL
68 de 100
A semente da descolonização
Pela primeira vez, tropas coloniais participaram do conflito nas metrópoles. Particularmente pela França, que convocou mais de 480 mil soldados da África e do mundo árabe, da África Ocidental, Argélia, Tunísia, Marrocos, Madagascar e Somália, Indochina, entre outros. Isso porque, à medida que a guerra se estendeu e o número de baixas aumentou, as autoridades francesas passaram cada vez mais a depender do alistamento obrigatório de soldados. Indianos também foram lutar na Europa, pelo Império Britânico.

Ao retornar aos seus países de origem, muitos ex-combatentes iniciaram os movimentos nacionais de libertação, em nome da própria ideologia liberal europeia: começava ali a descolonização da Ásia e da África.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Revolta árabe
LUTA SEM QUARTEL
69 de 100
As raposas do deserto
A Revolta Árabe é marcada pela traição a Hussein ibn Ali, xerife de Meca, um muçulmano sunita a quem os britânicos prometeram uma terra árabe independente em troca de ajuda na luta contra o Império Otomano, aliado da Alemanha. Hussein se rebelara contra o domínio otomano durante a Revolta Árabe de 1916. Numa troca de cartas com o alto comissário britânico Henry McMahon, foi convencido de que a sua entrada ao lado da Tríplice Entente seria recompensada por um império árabe. As condições do chamado Protocolo de Damasco, assinado por Faisal, filho de Hussein, deveriam incluir a independência do pós-guerra de todos os territórios árabes dentro de uma área delimitada pelo Sul da Turquia, a fronteira persa (iraniana), o Oceano Índico, o Mar Vermelho e o Mediterrâneo; em outras palavras, o Oriente Médio árabe, incluindo o Golfo e os atuais territórios da Palestina, Líbano, Síria, Jordânia e Iraque.

Confrontados com os novos campos de morte da Frente Ocidental e com o desastre em Galípoli em 1915, os britânicos não mediram esforços para ter os árabes a seu lado. Para lutar com os árabes foi Thomas Edward Lawrence, notabilizado como Lawrence da Arábia. Após a guerra, Hussein ficou no trono do Hedjaz até 1924, quando — isolado pelos ingleses — foi destronado pela família al-Saud. Seus filhos Abdullah e Faisal tornaram-se, respectivamente, reis da Transjordânia e do Iraque.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Gallipoli
LUTA SEM QUARTEL
70 de 100
O orgulho de três nações
Forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas desembarcaram em Gallipoli, numa tentativa de invadir o Império Otomano e capturar o Estreito de Dardanelos. Mas a tentativa falhou. Em uma das campanhas mais custosas e trágicas da guerra, com pesadas perdas para ambos os lados, os aliados se retiraram do local durante os meses de dezembro de 1915 e janeiro de 1916. O resultado: baixas de 180 mil entre os aliados e 66 mil entre os otomanos — entre mortos e feridos.

As divisões da Austrália e Nova Zelândia (ANZAC) foram as grandes prejudicadas e a campanha marcou um dissenso dos dois países, que acusaram as tropas britânicas de arrogância, crueldade e inaptidão. Ainda assim, o protagonismo das tropas australianas e neozelandesas e a heroica defesa turca fazem com que Gallipoli seja um momento crucial na moderna identidade dos três países.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

EUA na guerra
LUTA SEM QUARTEL
71 de 100
O fiel da balança
Como em um curto espaço do tempo as nações europeias necessitavam de enormes quantidades de alimentos e armas para o conflito, os Estados Unidos passaram a lucrar à custa da I Guerra. Mesmo inicialmente permanecendo neutro, por uma questão de interesse e afinidade, o governo americano exportava seus produtos apenas às nações integrantes da Tríplice Entente. Além de se fortalecer economicamente, com os empréstimos, os EUA tentavam ganhar politicamente, assumindo, possivelmente, a condição de intermediadores dos tratados de paz.

Mas, se até 1917 eram apenas fornecedores, após a saída dos russos, o EUA veem seus investimentos em risco: se seus aliados perdessem a Guerra deixariam de pagar suas dívidas. Ataques de submarinos alemães a navios americanos e o famoso Telegrama Zimmerman — em que a Alemanha prometia territórios dos EUA ao México em troca da entrada deste país na guerra contra o vizinho — foram decisivos na entrada dos EUA na guerra, decisiva para a vitória da Tríplice Entente. Os EUA emergiram da guerra como uma nova potência global, política e economicamente.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Cirurgia plástica
LEGADOS
72 de 100
Reconstruindo vidas
A herança mais assustadora da I Guerra eram os ex-combatentes que voltavam para casa desfigurados. Em alguns casos, as deformidades eram tão terríveis que em nome do bem-estar da população os mutilados eram isolados da sociedade. Sensibilizado com a situação, o médico neozelandês Harold Gillies buscou amenizar o sofrimento e acabou por revolucionar a medicina.

As feridas abertas eram simplesmente costuradas e acabavam originando cicatrizes horríveis. Gillies começou a utilizar material do corpo do próprio paciente e conseguiu bons resultados ao trabalhar com retalhos e enxertos de pele retiradas do peito e ossos das costelas transplantados. Ele atuou principalmente em Londres, na Inglaterra.

Após a I Guerra, as cirurgias plásticas foram amplamente utilizadas com o objetivo de restaurar os corpos deformados e minimizar desfigurações, e em seguida na medicina estética, na qual hoje é mais popular.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Absorvente íntimo
LEGADOS
73 de 100
O melhor amigo da mulher
Antes de estourar a I Guerra, uma pequena empresa americana registrou sob sua marca um material conhecido como Cellucotton. A substância, composta pela polpa da celulose da madeira (usada na fabricação de papel), era cinco vezes mais absorvente do que o algodão e custava a metade do preço.

Em 1917, quando os Estados Unidos entraram na guerra, a empresa Kimberly-Clark passou a empregar o material na fabricação de enchimento para curativos cirúrgicos.

Enfermeiras da Cruz Vermelha trabalhando nos campos de batalha logo se deram conta da utilidade do produto na higiene íntima. Surgia assim o absorvente. Esse uso adicional do produto acabaria, anos mais tarde, alterando o destino da pequena empresa americana.

Em 1920, menos de dois anos após o final da guerra, chegou às lojas dos Estados Unidos o primeiro absorvente íntimo da história, batizado de Kotex (junção das palavras inglesas cotton, algodão, e texture, textura).

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Aço inoxidável
LEGADOS
74 de 100
Experimento revolucionário
O calor e a fricção, produzidos pela passagem das balas, enferrujavam os canos das armas, e os militares britânicos precisavam de um metal mais adequado. Em 1913, o metalúrgico Harry Brearley, da cidade inglesa de Sheffield, experimentou adicionar cromo ao aço e, diz a lenda, jogou fora algumas das amostras que tinha testado, achando que não tinham dado certo.

O material ficou jogado num canto, até Brearley se dar conta de que as amostras não tinham enferrujado. Ele havia descoberto o segredo do aço inoxidável.

Durante a I Guerra, o material foi usado em motores, mas tornou-se indispensável na fabricação de facas, garfos, colheres e instrumentos hospitalares. O produto revolucionou a indústria e tornou-se um componente onipresente do mundo moderno.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Saquinhos de chá
LEGADOS
75 de 100
Bombas que não matam
Os chás em saquinhos não foram inventados para resolver algum problema na guerra. Em 1908, um americano, produtor de chá, começou a mandar pequenas bolsas com o produto para os seus clientes. Por acidente ou experimentação, eles mergulharam as bolsas em água quente. Estava inventada assim a infusão de chá em saquinhos descartáveis. Durante a guerra, a empresa alemã Teekanne copiou a ideia e passou a fornecer para as tropas chás em saquinhos de algodão. Eles chamavam de “bombas de chá”. Dessa forma, popularizou-se a novidade.

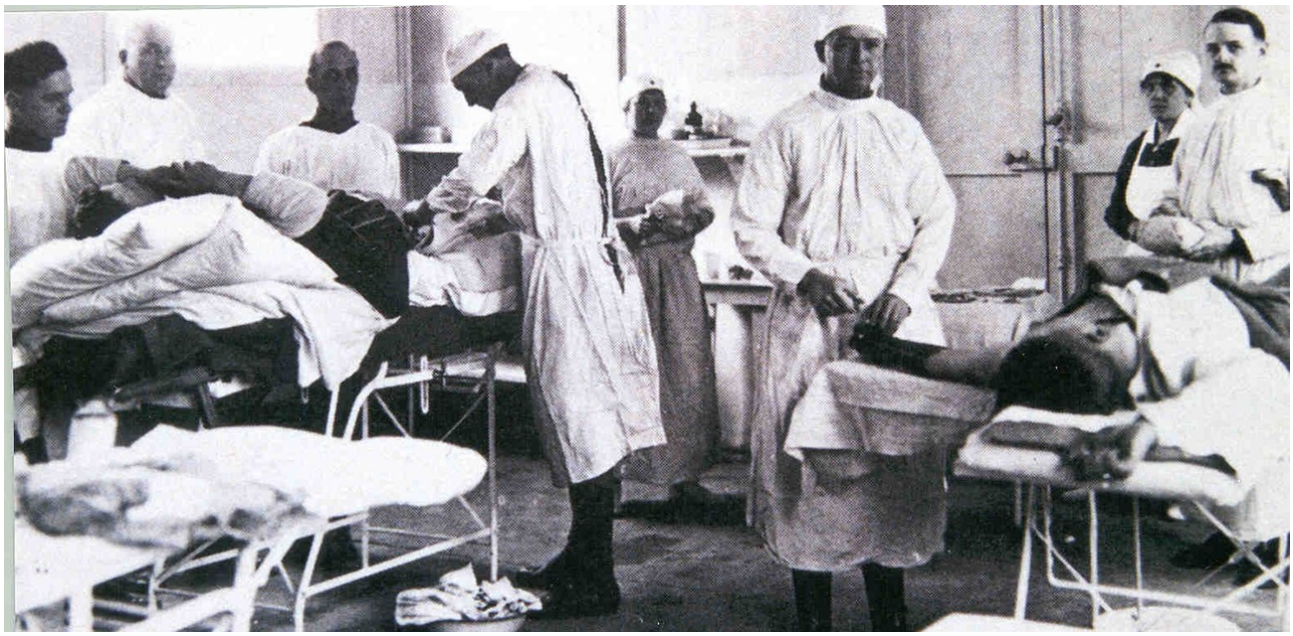
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Relógio de pulso
LEGADOS
76 de 100
O tempo no braço
Até o fim do século XIX e o começo do XX, o relógio de bolso preso por uma corrente era usado pelos homens que podiam pagar por um. O produto era caro. O relógio de pulso não foi inventado especificamente para a Primeira Guerra Mundial, a rainha inglesa Elisabeth I já usava um relógio que era atado ao seu braço no século XVI, mas seu uso, especialmente por homens, se alastrou durante o conflito.

Para facilitar a vida dos combatentes, fabricantes desenvolveram relógios de pulso para que eles pudessem manter as mãos livres na frente de batalha. Também era essencial na guerra saber a hora exata para que ações militares pudessem ser sincronizadas. Com o fim da guerra, o relógio de pulso já havia se tornado o meio mais comum para se saber a hora.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

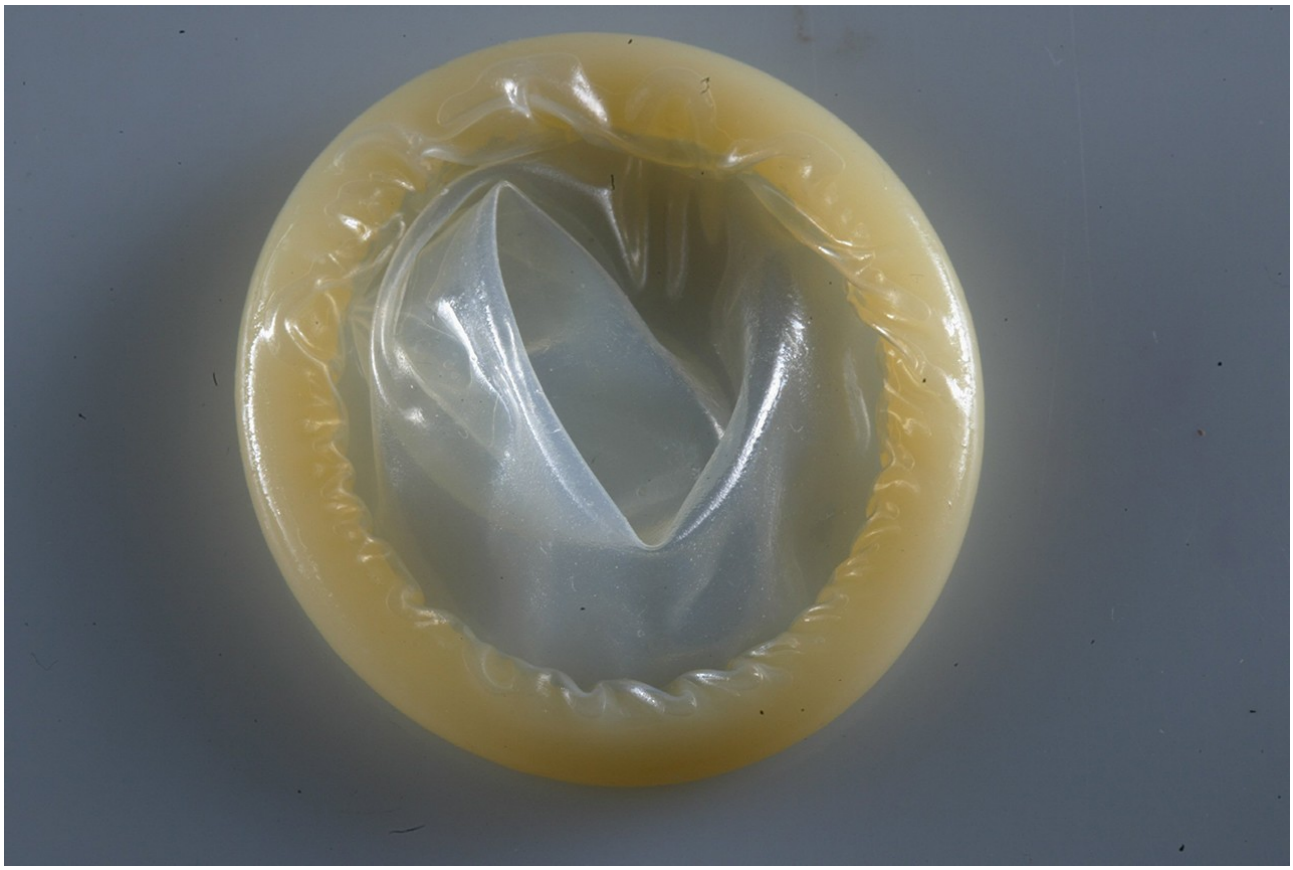
Bancos de sangue
LEGADOS
77 de 100
Vida renovada
Até 1900, muitas mortes aconteciam na hora da transfusão pelo desconhecimento dos tipos e compatibilidades sanguíneas. Com a descoberta do patologista Karl Landsteiner, foi possível verificar se o tipo sanguíneo do doador era compatível com o do receptor. Porém, para pôr em prática durante guerras, existia o problema do transporte: o sangue coagula rapidamente, o que impossibilita longas viagens.Foi durante a I Guerra que o médico Richard Lewisohn, do Hospital Monte Sinai, em Nova York, descobriu um anticoagulante denominado citrato de sódio. Com a bem-sucedida experimentação, as transfusões passaram a ser utilizadas em larga escala durante o conflito.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

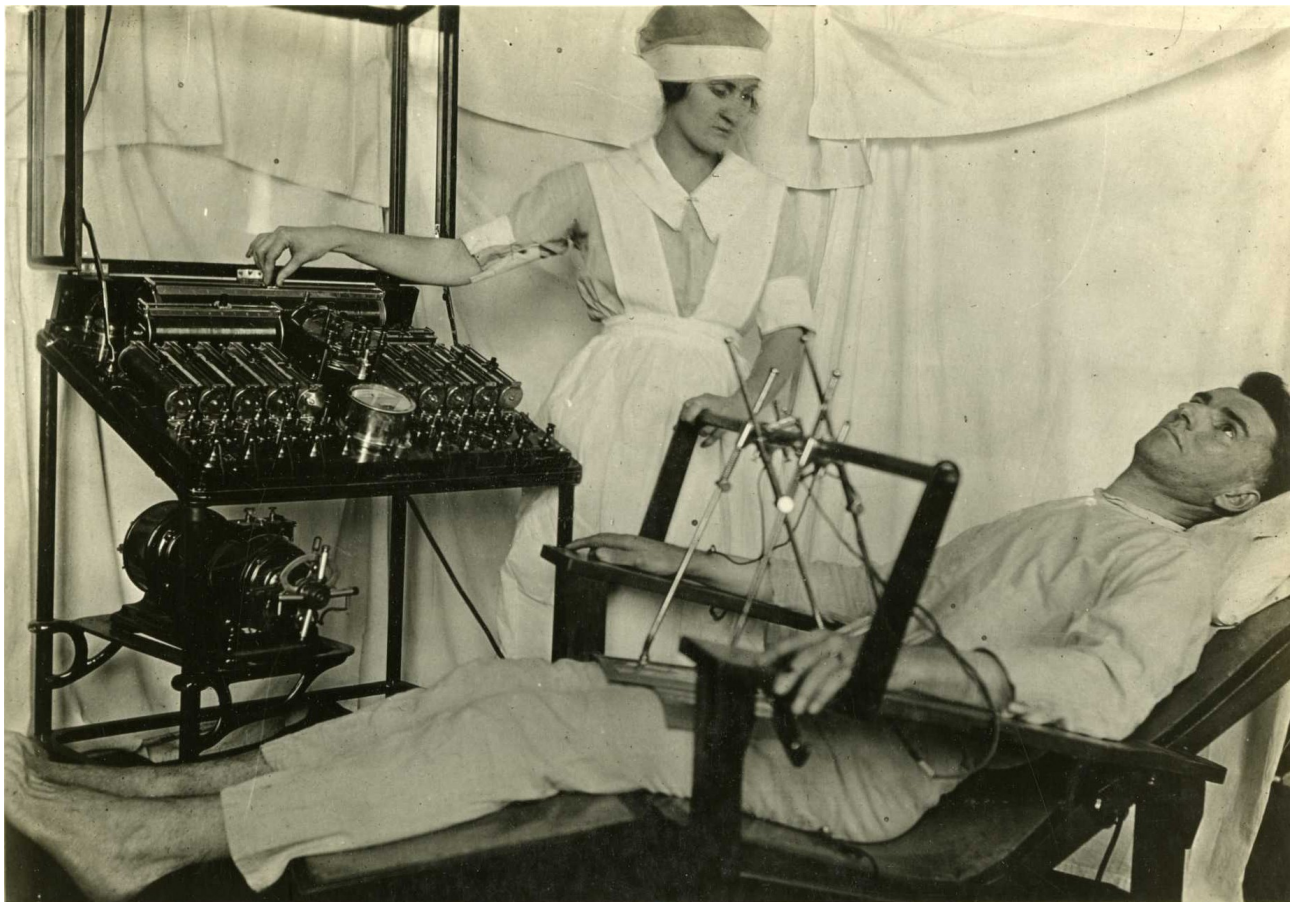
Camisinha
LEGADOS
78 de 100
Diversão sem preocupação
Apesar de já existir de diferentes formas antes de 1914, foi no conflito mundial que a camisinha passou a ser utilizada como estratégia de guerra. O Exército alemão já usava o preservativo antes, mas os governos britânico e americano resistiam, alegando que o uso encorajaria a libertinagem. Porém, a transmissão de doenças venéreas passou a ser um problema sério durante a guerra, acarretando 416 mil admissões hospitalares nas tropas inglesas e causando severos problemas na estratégia militar. Cada paciente de sífilis, por exemplo, ficava cinco semanas em recuperação. Devido a estas implicações, os soldados britânicos passaram a receber camisinhas, mas os americanos, mesmo perdendo centenas de soldados por doenças sexualmente transmissíveis, não mudaram sua política.

Por tais motivos, a I Guerra foi o evento que fez com que governos passassem a ter programas de educação sexual e promovessem distribuição de preservativos.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Estresse pós-traumático
LEGADOS
79 de 100
A guerra que continua
Com o fim da I Guerra, psiquiatras voltaram a discutir e consolidaram o conceito de estresse pós-traumático ao analisarem casos de soldados que não conseguiram se reinserir socialmente. A tensão vivenciada pelos combatentes nas trincheiras despertou traumas que passaram a ser estudados pelos principais pesquisadores da época. O pai da psicanálise, Sigmund Freud, conceitualizou o fenômeno afirmando que a vivência nos campos de batalha trouxe uma série de descargas verbais e motoras nos soldados que não foram assimiladas organicamente por muitos, o que acabou 'inundando' o cérebro destes combatentes, gerando paralisia mental e tempestades emocionais. Novos tratamentos foram iniciados para lidar com a doença. Hoje se sabe que muitos soldados que desertaram e foram fuzilados por covardia, na verdade sofriam de estresse pós-traumático, levando vários governos a reabilitarem-nos.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

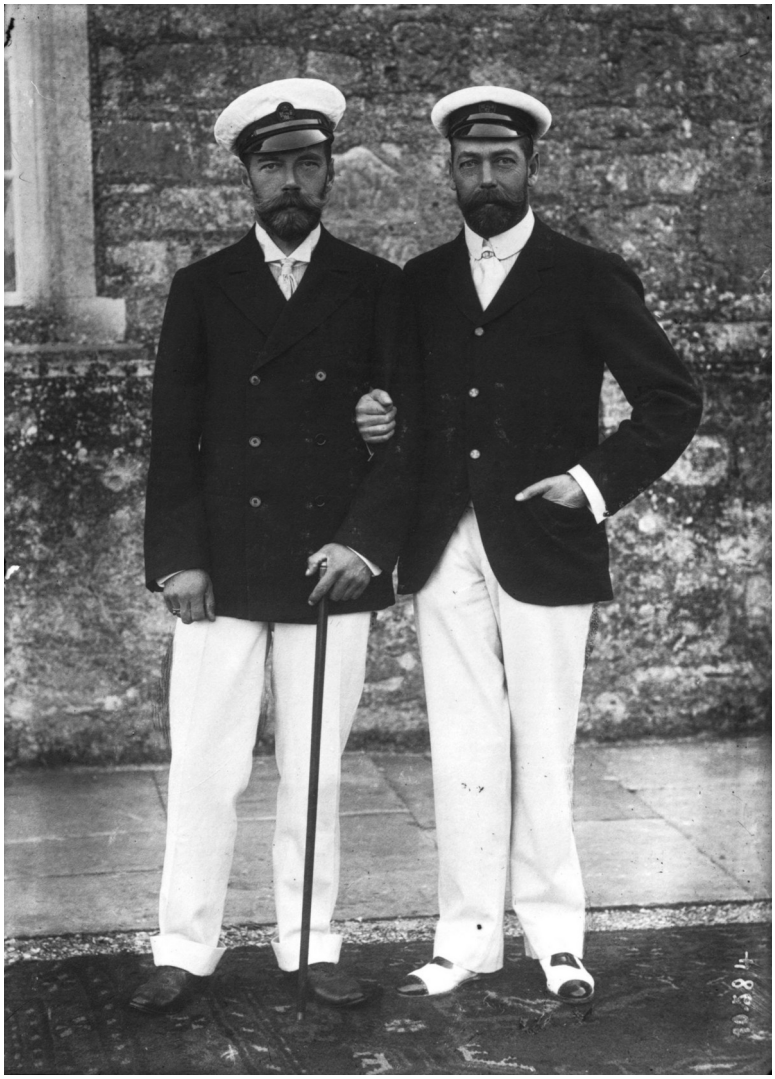
Winston Churchill
PERSONAGENS
80 de 100
O falcão antigermânico
Mais conhecido por seu papel como primeiro-ministro que encarnou a luta contra o nazismo na Segunda Guerra, Winston Churchill era um personagem importante da política britânica já na Primeira. Nomeado em 1911 primeiro lorde do Almirantado — o equivalente a ministro da Marinha — e preocupado com o crescimento naval da Alemanha, Churchill iniciou um programa de construção de navios de guerra que garantisse a superioridade britânica nos mares.

Entusiasta do uso de novas armas, foi responsável pela criação da Serviço Aéreo da Marinha Real — que entrou em serviço semanas antes da eclosão da guerra — e incentivou o uso do tanque em batalhas. Caído em desgraça por ter sido um dos proponentes do ataque direto ao Império Otomano, que resultou na avassaladora derrota aliada em Galipoli em 1915, foi removido do Gabinete e decidiu ir para o front na França, onde ficou seis meses. Lá, comandou um batalhão e chegou a enfrentar fogo de metralhadoras e bombardeio. Em 1917, voltou ao governo como ministro das Munições. De espírito belicoso, Churchill confessou numa carta à filha do futuro premier Lloyd George em 1916: 'Acho que uma maldição deveria cair sobre mim — porque eu amo esta guerra'.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Guilherme II, Nicolau II e Jorge V
PERSONAGENS
81 de 100
Guerra em família
As relações dinásticas próximas na Europa levaram a uma situação inusitada na I Guerra: os soberanos de vários países em conflito eram primos ou mesmo cunhados. Isso inclui três dos principais — no placar de dois contra um, o rei inglês, Jorge V, e o czar russo, Nicolau II, se alinharam contra o kaiser alemão, Guilherme II. No fim da guerra, em 1918, Nicolau fora derrubado e fuzilado, e Guilherme perdeu o trono. Apenas Jorge manteve a coroa.

O parentesco entre os três se deu sobretudo por parte da rainha Vitória, cuja numerosa prole casou-se em outras casas reais europeias. Jorge e Guilherme eram netos da rainha: o inglês, filho do futuro Eduardo VII, e o alemão, da princesa Victoria, primogênita da soberana britânica casada com o pai do futuro kaiser, Frederico III. Jorge e Nicolau, por sua vez, eram filhos de duas irmãs, as princesas dinamarquesas Alexandra e Dagmar, casadas respectivamente com Eduardo VII e o czar Alexandre III da Rússia. Já Guilherme e Nicolau eram primos mais afastados: o avô paterno do alemão, Guilherme I, era irmão de uma bisavó paterna de Nicolau, a imperatriz-consorte Alexandra da Rússia. Por outro lado, a czarina Alexandra, mulher de Nicolau II, também era neta da rainha Vitória e, portanto, prima de Jorge e Guilherme. Na foto: Nicolau II (à esq.) e Jorge V.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Gavrilo Princip
PERSONAGENS
82 de 100
O pivô da tragédia
O ex-estudante nacionalista servo-bósnio Gavrilo Princip nunca deve ter imaginado, antes de 28 de junho de 1914, o papel que a História lhe reservaria. Outros antes dele assassinaram reis e presidentes, sem maiores consequências para o resto da Humanidade. No entanto, ao disparar dois mortais tiros naquela manhã contra o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, e sua mulher, Sophie, Princip abriu os portões do inferno na capital da Bósnia-Herzegovina. O crime em Sarajevo foi o estopim da I Guerra, o maior e mais destrutivo conflito jamais visto até então.

Opositor ferrenho da ocupação austríaca, Princip uniu-se à sociedade nacionalista Jovem Bósnia em 1911. Expulso da escola por suas atividades subversivas, foi para a capital sérvia, Belgrado, onde foi recrutado pela organização secreta Mão Negra.Aos 19 anos, foi um dos encarregados dos atentados que tinham como alvos Francisco Ferdinando e o governador austríaco da Bósnia-Herzegovina, general Oskar Potiorek. Preso no próprio local do ataque em Sarajevo, Princip escapou da pena de morte porque faltavam 27 dias para completar 20 anos, a idade mínima para execuções. Foi condenado a 20 anos e morreu doente na prisão de Terezin, atual República Tcheca, em 28 de abril de 1918.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Arquiduque Francisco Ferdinando
PERSONAGENS
83 de 100
O motivo involuntário
O arquiduque Francisco Ferdinando ocupa um lugar de destaque na História sem nunca ter feito nada de extraordinário. Pelo contrário, morreu antes de ter a oportunidade de deixar sua marca pessoal, caso chegasse ao trono do Império Austro-Húngaro, do qual era herdeiro. Mas foi justamente seu assassinato em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, que lhe garantiu o protagonismo. Sua morte foi usada pela Áustria-Hungria como pretexto para atacar a rival Sérvia — cuja Inteligência militar estava por trás do assassinato — desencadeando a I Guerra.

O acaso sempre teve papel na vida de Francisco Ferdinando. E também na morte. Ele não era herdeiro direito do trono. O posto caiu-lhe no colo porque seu primo Rodolfo — único filho homem do imperador Francisco José — cometeu suicídio em 1888. O tio não gostava dele, e menos ainda de seu casamento com a condessa Sophie Chotek, integrante menor da nobreza. Tratada com menosprezo pela exigente corte austríaca, Sophie acabou sendo a razão pela qual o herdeiro mudou de ideia e decidiu ir a Sarajevo acompanhar manobras do Exército em junho de 1914. Foi-lhe indicado que ela seria recebida com toda a pompa se ele fosse à capital bósnia. Lá, um erro no trajeto de seu carro o colocou a apenas 1,5 metro de distância do assassino Gavrilo Princip. O resto é História.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Francisco José I
PERSONAGENS
84 de 100
Gatilho ultrapassado
O velho imperador Francisco José costumava dizer que a morte o esquecera. Em 1914, aos 84 anos, já estava no trono — ao qual chegara no rastro da Revolução de 1848, que chacoalhou a ordem europeia — havia 66 anos. Mais do que qualquer outro monarca desde Luís XIV, que morreu em 1715 após 72 anos de reinado. Relíquia viva de uma era que se apagava rapidamente nas primeiras décadas do século XX, com a velha nobreza cedendo rapidamente lugar a novas forças políticas, o monarca também vivia um drama pessoal. O irmão Maximiliano foi fuzilado no México em 1867. O filho e herdeiro, Rodolfo, se suicidou em 1888. A mulher, Elizabeth (a popular Sissi), foi assassinada por um anarquista em 1898. Para completar, não gostava do sobrinho e herdeiro, Francisco Ferdinando.

Isolado do governo, Francisco José deixou de comparecer a todas as 39 reuniões de seu Gabinete entre 1911 e 1914, o ano em que estourou a guerra. Mesmo assim, o imperador sabia que possivelmente estava assinando a sentença de morte de sua milenar monarquia ao dar o sinal verde ao ataque à Sérvia em 28 de julho de 1914 — que certamente jogaria Rússia e Alemanha no conflito. 'Se a monarquia deve morrer', teria dito, 'que pelo menos pereça com decoro'. Morreu em 1916, antes do final de guerra, sem ver o fim da monarquia dois anos mais tarde.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Generais Joffre, Foch e Pétain
PERSONAGENS
85 de 100
A trinca da guerra francesa
Joseph Joffre, Ferdinand Foch e Philippe Pétain (foto) formam o trio de ouro dos comandantes franceses na I Guerra. Todos os três chegaram a marechal da França — posto máximo na carreira militar — por seus serviços no conflito.

Comandante em chefe do Exército, Joffre reorganizou os efetivos aliados em debandada, diante do avanço alemão em agosto de 1914, demitiu 51 generais considerados ineficientes e pôs no comando oficiais mais combativos. Um destes foi o general Foch, alçado ao comando do 9º Exército francês, que teve papel fundamental na Primeira Batalha de Marne, em setembro de 1914, deteve a ofensiva alemã sobre Paris, evitando a derrota. Pétain, por sua vez, foi o herói de Verdun, a maior batalha da História, com 700 mil baixas em 1916.

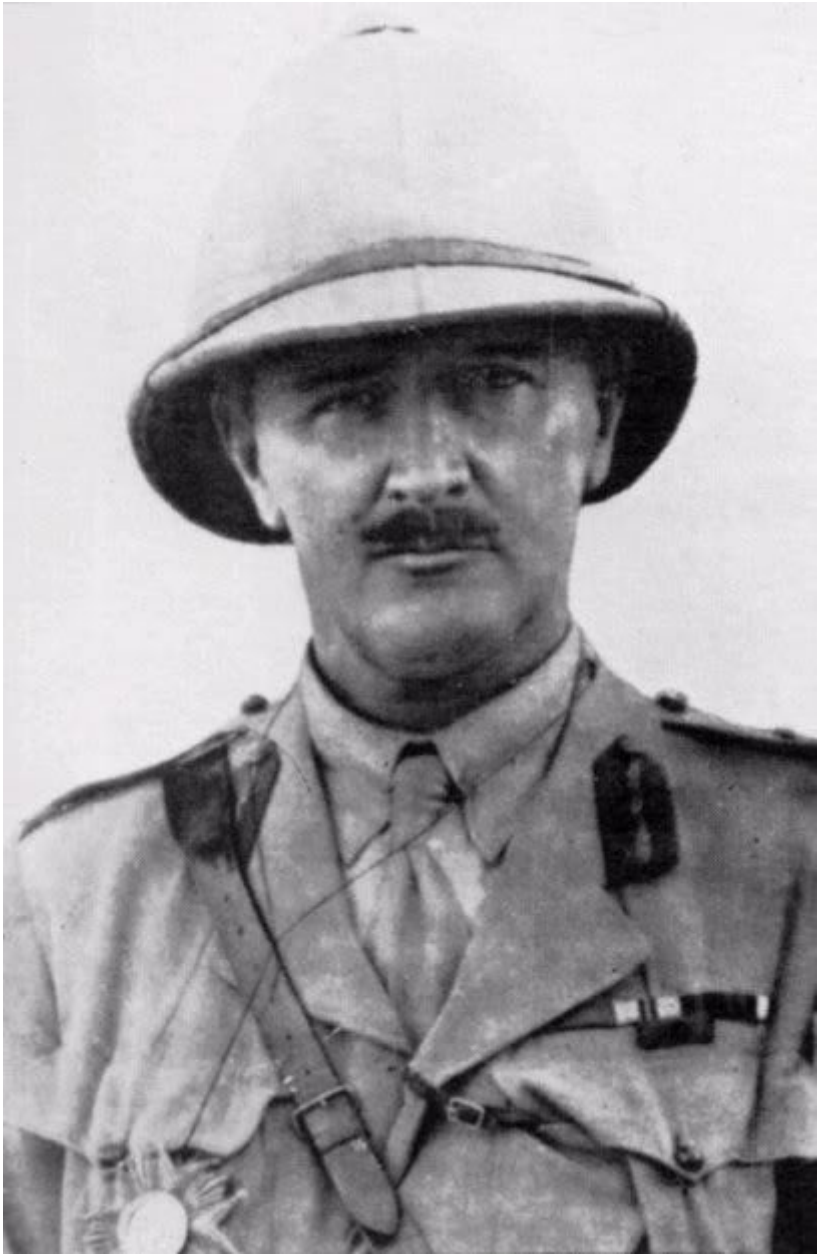
Verdun, por sua vez, expôs erros de avaliação de Joffre, que terminou a guerra em postos militares de menor importância, embora ainda mantendo seu prestígio pessoal. Já Foch, teve altos e baixos, mas virou chefe do Estado-Maior em 1917 e, no ano seguinte, foi nomeado comandante em chefe aliado. Ambos morreram antes da Segunda Guerra, reconhecidos pela França. Pétain, por sua vez, acabou seus dias no ostracismo por seu papel como chefe de Estado do regime colaboracionista de Vichy, após a derrota francesa para a Alemanha de Hitler em 1940.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Marechais Hindenburg e Ludendorff
PERSONAGENS
86 de 100
Os leões da Alemanha
Ludwig Hans von Hindenburg já não compunha mais as forças da Alemanha quando a guerra começou. Mesmo assim, aceitou comandar o 8º Exército na temida fronteira russa. Junto com o general Erich Ludendorff, venceu a Batalha de Tannenberg. Ludendorff foi então nomeado marechal, em 1916. Devido ao sucesso de ambos, ficaram responsáveis pelas diretrizes de todo o Exército alemão, alienando o kaiser Guilherme II das decisões e transformando a Alemanha numa virtual ditadura militar. Com Hindenburg, o sistema de trincheiras foi implantado no Norte da França, só sendo ultrapassado em outubro de 1918, no final da guerra. Em 1925 ele tornou-se presidente. Já Ludendorff aproximou-se do nazismo, tomando parte no fracassado putsch de Hitler em 1923. Mais tarde, afastou-se do nacional-socialismo. Na foto: Hindenburg (à esq.), com o kaiser e Ludendorff.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

General Allenby
PERSONAGENS
87 de 100
O conquistador de Jerusalém
Se tivesse passado no exame de entrada no Serviço Civil Indiano, Edmund Henry Allenby provavelmente teria seguido uma carreira burocrática bem longe da Inglaterra. Quis o destino que fracassasse e, então entrasse para a Academia Militar de Sandhurst. Entre 1914 e 1917, Allenby lutou contra os alemães na frente ocidental. Em 1917, já general, foi enviado ao Oriente Médio para liderar o Exército britânico e a Força Expedicionária Egípcia contra o Império Otomano. Durante a ação, suas tropas conquistaram a Palestina, sitiando as cidades de Beersheba, Jaffa e Jerusalém nos três meses finais de 1917. No decorrer do inverno de 1918, o general derrotou o grupo de exército Yildirim na Batalha de Meggido, após a qual anexou o Norte da Palestina, forçando o recuo do inimigo. Depois destas batalhas, a conquista do território se deu gradativamente e foi finalizada cinco dias antes do armistício de Mudros com os otomanos, em 30 de outubro de 1918.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Mustafá Kemal Ataturk
PERSONAGENS
88 de 100
O herói de Gallipoli
A Batalha de Gallipoli foi para defender Constantinopla (atual Istambul) de uma invasão franco-britânica, mas acabou sendo ainda mais importante ao lançar o nome de Mustafa Kemal Ataturk na cena nacional turca. Tenente-coronel da 19ª divisão, ele teve papel crucial na defesa de Gallipoli, no Estreito de Dardanelos, que liga o Mar Egeu ao Mar de Mármara. Após a guerra, Ataturk tornou-se comandante em chefe do Exército na Guerra Greco-Turca em 1921 e 1922, catapultando-se ao topo da política ao evitar a derrota turca. Transformou em seguida no primeiro presidente da Turquia. Ele deu uma orientação laica ao Estado, com educação pública, gratuita e obrigatória e com igualdade de direitos entre homens e mulheres. O nome Ataturk, que significa o pai dos turcos, não pode ser utilizado por nenhuma outra pessoa no pais. Até hoje, imagens dele são vistas em prédios públicos e dentro das casas das famílias.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

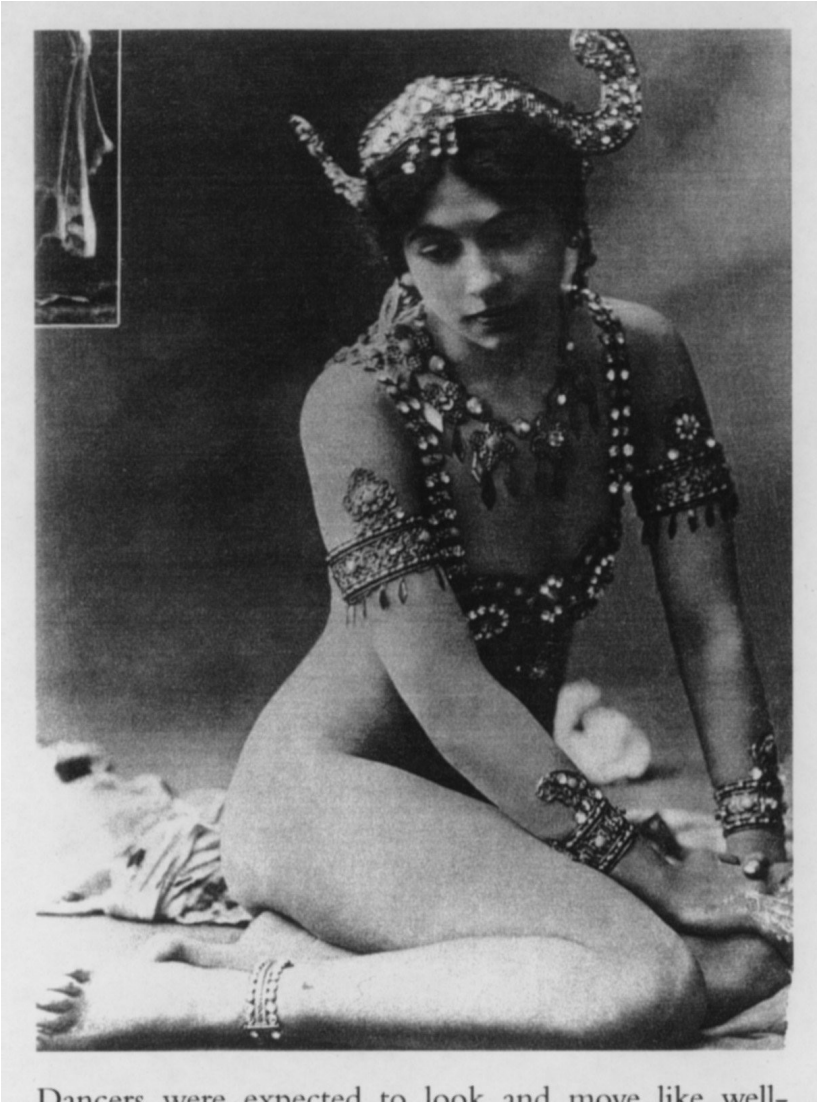
Thomas E. Lawrence e Gertrude Bell
PERSONAGENS
89 de 100
Uma dupla das arábias
Celebrizada por Peter O'Toole na megaprodução hollywodiana 'Lawrence da Arábia', de 1962, a vida do oficial britânico Thomas Edward Lawrence deveria ser sempre contada em dobradinha com a de outra personagem infinitamente menos conhecida — a também britânica Gertrude Bell. Ambos estudaram em Oxford, eram arqueólogos, experientes orientalistas com larga vivência do Oriente Médio e tomaram parte na I Guerra, participando da campanha britânica contra o Império Otomano que ajudou a formatar a região em sua atual configuração política.

Nascido em 1888, Lawrence alistou-se no Exército britânico em 1914, e foi designado para um posto de Inteligência no Cairo. Para lá, em 1915, foi enviada sua amiga Gertrude, 20 anos mais velha — conheceram-se em 1911 em escavações arqueológicas — e os dois trabalharam juntos por algum tempo no preparo do levante das tribos árabes que colocaria boa parte do Oriente Médio nas mãos dos britânicos. Lawrence uniu-se a forças irregulares árabes, com as quais lutou em várias frentes até o fim da guerra. Primeira mulher oficial da Inteligência britânica na guerra, Gertrude foi para o Iraque, e lá contribuiu para a tomada de Bagdá, quando foi nomeada secretária do Oriente do governo local instalado pelos britânicos.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

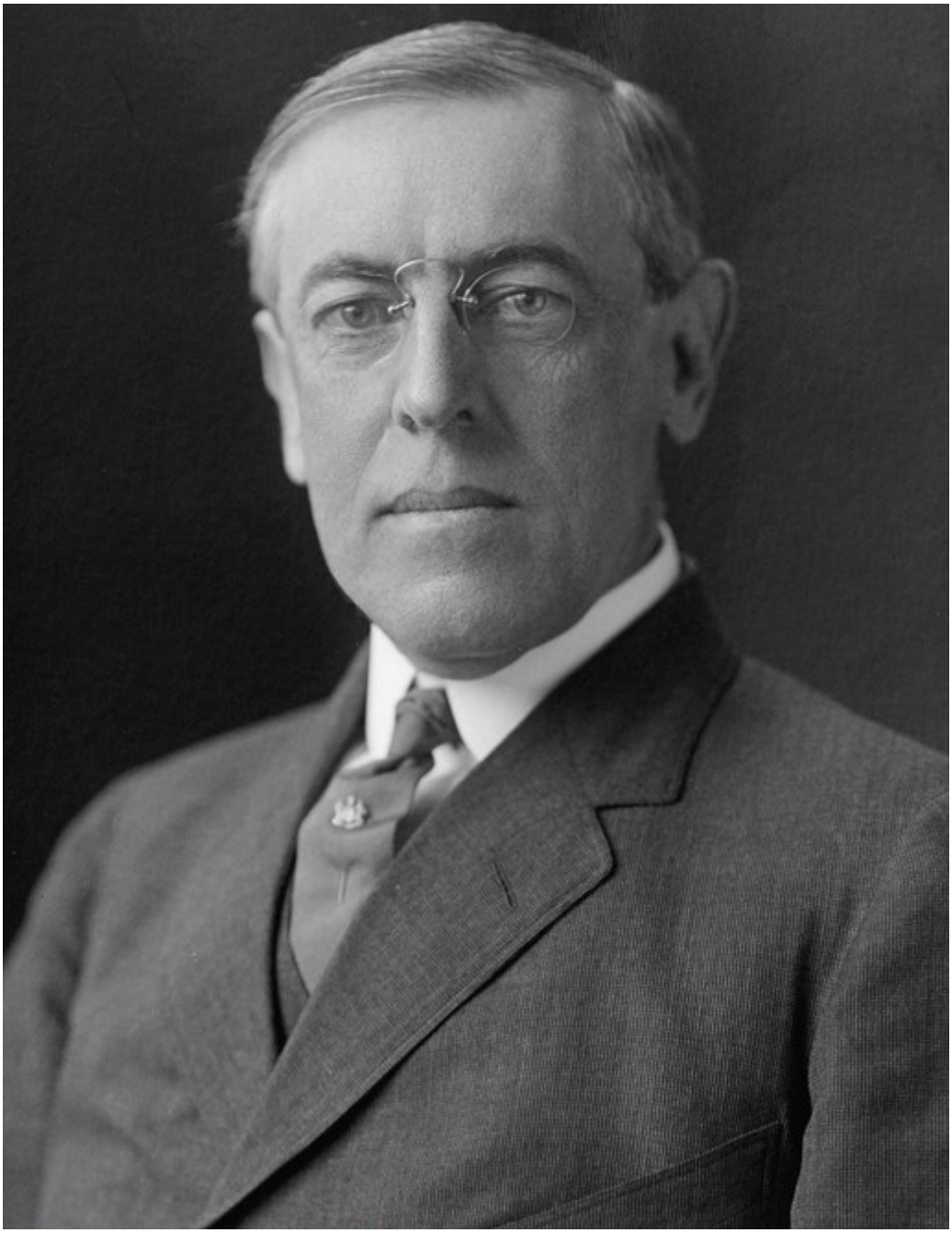
Mata Hari
PERSONAGENS
90 de 100
A dança da espionagem
O britânico James Bond encarna como ninguém a figura do espião no imaginário coletivo moderno. Mas muito antes do arrebatador sucesso nas telas do charmoso personagem de Ian Fleming, criado em 1953, uma outra e igualmente sedutora figura ocupava esse posto. E na vida real. Foi a dançarina holandesa Margaretha Geertruida Zelle — mais conhecida por seu nome artístico, Mata Hari. Nascida em 1876 na pequena Leeuwarden, Margaretha passou de um casamento fracassado com um oficial nas Índias Orientais Holandesas (atual Indonésia) a dançarina exótica. No Oriente, aprendeu as artes que lhe dariam fama e, em última análise, a levariam à morte.

Estabelecida em Paris sob o nome artístico de Mata Hari — 'sol', em malaio — a dançarina já estava em decadência no início da guerra, em 1914. Como a Holanda ficou neutra no conflito, tinha trânsito livre entre os países beligerantes — além de contatos com políticos, oficiais e diplomatas. Suas movimentações despertaram suspeita, e ela foi presa na Inglaterra em 1916, quando teria admitido espionar para os franceses. Em 1917, foi presa na França, sob acusação de espionar para a Alemanha. Julgada e condenada, foi fuzilada em 15 de outubro de 1917 aos 41 anos. Morreu negando ser espiã, mas documentos liberados na década de 1970 pela Alemanha confirmaram que trabalhava para o país, embora com poucos resultados.



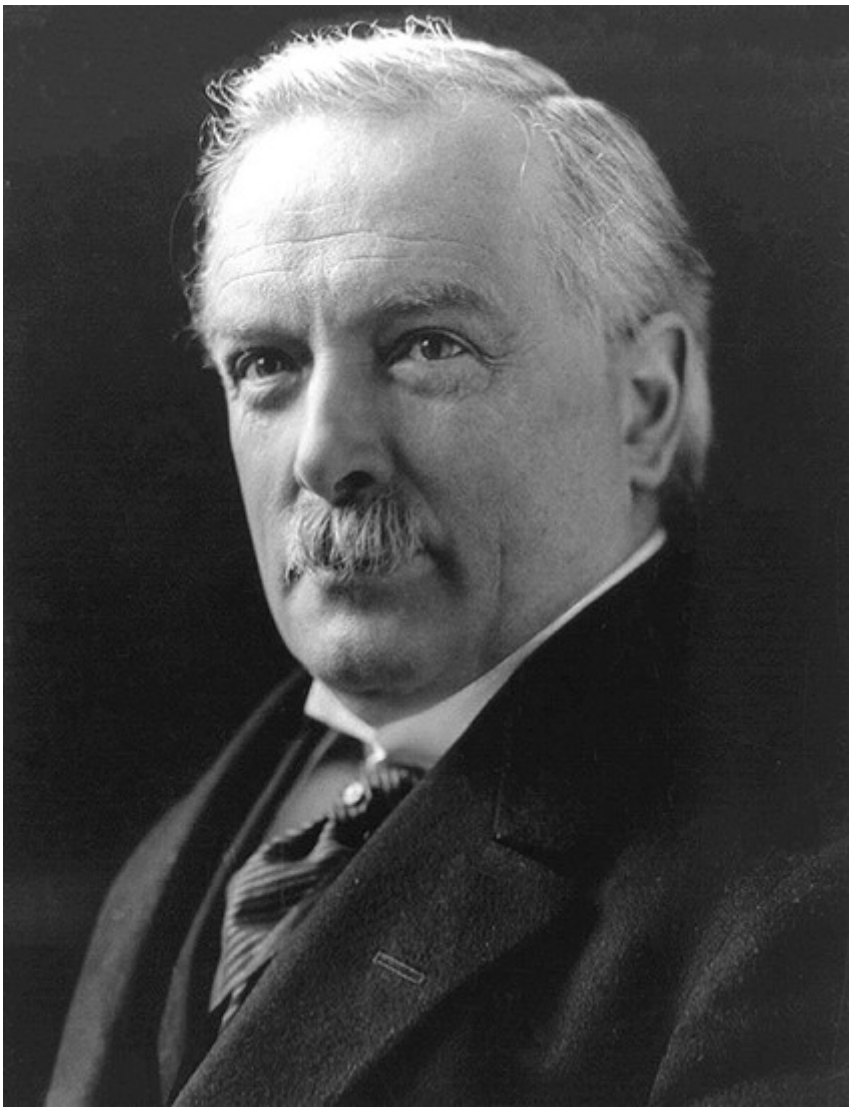
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Woodrow Wilson, presidente dos EUA
PERSONAGENS
91 de 100
O profeta do multilateralismo
Thomas Woodrow Wilson, presidente democrata dos EUA por duas vezes seguidas, de 1913 a 21, foi o responsável pela entrada do país no confronto. Em abril de 1917, pediu ao Congresso americano a declaração de guerra contra a Alemanha, num momento em que os alemães seguiam rumo a vitória, depois da retirada russa. A empreitada de Wilson alcançou êxito quando, em novembro de 1918, a Alemanha assinou o armistício. Em seguida, o presidente americano foi a Paris em busca de uma solução que almejasse uma paz duradoura. Os chamados “ 14 pontos de Wilson”, para a reconstrução da Europa, foram o prenúncio da criação da Liga das Nações.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Herbert Asquith e Lloyd George
PERSONAGENS
92 de 100
Dobradinha ao leme britânico
Um começou e outro terminou a guerra no leme do Reino Unido. Quando eclodiu o conflito, David Lloyd George (foto), fazia parte do governo de coalizão de governo de Herbert Henry Asquith como ministro de Munições e, em seguida, secretário de Guerra. Ambos eram do Partido Liberal e Asquith estava no comando desde 1906. Foi ele que deu início à equipagem da Marinha Real com armamento pesado. Ao longo da guerra, descontente com Asquith, que se mostrava um péssimo estrategista, Lloyd George se aliou aos conservadores e em 7 de dezembro de 1916 assumiu o cargo de primeiro-ministro. O episódio acabou causando um racha no partido, mas não impediu que Lloyd George pudesse comprovar toda a sua capacidade como líder de guerra. Um dos seus maiores feitos foi combater o avanço da ameaça submarina alemã, no começo de 1917. Na Conferência de Paz de Paris, em 1919, em que foi assinado o Tratado de Versalhes, ele exerceu uma moderada influência sobre as duras exigências do presidente francês Georges Clemenceau e as propostas idealistas do presidente americano Woodrow Wilson. Questionado na época como tinha se saído na conferência ele teria respondido: “Nada mal para quem estava sentado entre Jesus Cristo e Napoleão.”



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Barão Vermelho
PERSONAGENS
93 de 100
O dono dos céus
Um cavaleiro dos ares. Assim foi o maior ás da aviação da I Guerra, Manfred von Richthofen, o lendário Barão Vermelho. A morte ainda jovem, aos 25 anos, durante o conflito e no auge da fama, contribuiu para a lenda do piloto que inspirava respeito e medo nos oponentes com seu avião pintado de vermelho. O temor não era sem fundamento. Em apenas 15 meses — entre outubro de 1915 e janeiro de 1917 — Richthofen deixou de ser um desastrado aprendiz, que destruiu o avião ao pousar em seu primeiro voo solo, para receber a maior condecoração militar alemã da época, após abater seu 16º oponente.

O jovem Manfred, na verdade, deveria estar em outras frentes de batalha. Nascido em 1892 numa família aristocrática prussiana, ele começou seus estudos militares aos 11 anos e uniu-se à Cavalaria. Com a arma logo tornada inútil pela guerra de trincheiras, seu regimento foi desfeito e Richthofen, desmotivado com novas funções longe de combate, decidiu juntar-se à pioneira aviação militar. Voou com várias aeronaves, mas a mais conhecida foi o famoso triplano Fokker Dr.I — sempre pintado de vermelho — com a qual sua imagem ficou associada. Entre sua primeira vitória e o combate final em 21 de abril de 1918, quando foi morto com um único tiro sobre os céus da França, Richthofen escreveu seu nome na História da aviação com 80 inimigos abatidos.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Georges Clemenceau
PERSONAGENS
94 de 100
O algoz da Alemanha
Defendendo os ideais republicanos e anticlericais de esquerda, Georges Benjamin Clemenceau ocupou o cargo de primeiro-ministro da França em dois períodos: de 1906 a 1909 e entre 1917 e 1920. Neste último, chefiou o país durante a I Guerra e foi um dos principais participantes da Conferência de Paz de Paris, que resultou no Tratado de Versalhes.

Após seis meses de negociações, em Paris, o tratado determinava que a Alemanha aceitasse todas as responsabilidades por causar a guerra e que fizesse pesadas reparações a um certo número de nações aliadas. Ao receber o documento de rendição por parte da Alemanha, em Versalhes, disse: 'Bom, esse é o fim'. Presente na sala, o historiador Arthur J. Toynbee, respondeu em voz baixa: 'Não, é só o começo'. Defendendo os interesses da França como potência face à solução mais global defendida pelo presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, ele tentou deixar a Alemanha debilitada. Contudo, foi acusado de ter feito concessões demais, saindo derrotado das eleições presidenciais de 1920.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Mão Negra
POLÍTICA
95 de 100
Terror nacionalista
A Mão Negra foi responsável por coordenar a morte do arquiduque Francisco Ferdinando, episódio conhecido como estopim da I Guerra A sociedade secreta era uma organização que usava o terrorismo como atividade política.

O objetivo do grupo, fundado em 1910, era a unificação dos povos eslavos para a formação da Grande Sérvia, o que significava anexar a Bósnia e Herzegovina que pertenciam ao Império Austro-Húngaro. Em 1914, a organização apresentava dificuldades devido à falta de recursos financeiros e conflitos entre seus membros. Os objetivos iniciais, gradativamente, deram espaço a decisões personalistas de Dragutin Dimitrijevic, conhecido como “Apis”, chefe da Inteligência militar sérvia.Na foto, julgamento de acusados do atentado contra Francisco Ferdinando.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Ultimato de Julho
POLÍTICA
96 de 100
Certidão de nascimento da guerra
Em 23 de julho de 1914, o Império Austro-Húngaro enviou ao governo do Reino da Sérvia uma lista de exigências. De acordo com o documento, as autoridades sérvias deveriam, entre outras coisas, suprimir qualquer publicação que incitasse o ódio à monarquia austríaca, remover do serviço militar e denunciar quaisquer oficiais opositores da Áustria e investigar conspiradores em território nacional. Além disso, deveriam permitir que policiais austríacos investigassem o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando na própria Sérvia. A Sérvia aceitou quase todas as exigências, exceto a presença de oficiais austríacos, considerada uma ofensa à sua soberania, o que acarretou a declaração de guerra austríaca. Posteriormente, o Ultimato de Julho foi considerado uma medida tomada com o objetivo único de criar um pretexto para o Império Austro-Húngaro atacar a Sérvia.

Weather Forecast: Cloudy Tonight and Wednesday

The Washington Times

HOME EDITION

NUMBER 8246. WASHINGTON, TUESDAY EVENING, JULY 28, 1914. PRICE ONE CENT.

AUSTRIA HAS CHOSEN WAR

TYPICAL SERVIAN SOLDIERS AND THEIR ANTIQUATED EQUIPMENT

MEDIATION REJECTED, EXCEPT TO PREVENT SPREAD OF CONFLICT

Occupation of Belgrade Unofficially Reported—Servians Said to Have Withdrawn Without Contest—England Told Events Have Gone Too Far to Permit Turning Back.

LONDON, July 28—Austria today formally declared war against Servia, according to Vienna dispatches received here.

It is understood that Belgrade has already been occupied by the Austrians.

This announcement of war quickly followed the refusal of Austria to suspend hostilities at England's suggestion, pending mediation.

Foreign Minister Berchtold, of Austria, made it plain, in a courteous note to Sir Edward Grey, that Austria had gone too far to turn back.

It is semi-officially admitted here that Sir Edward Grey had met with rebuffs in his attempt to bring about mediation, and for the time being his plan is held in abeyance.

Minister Berchtold's note said in brief that military measures and Austria's present course of action as regards Servia cannot be interrupted, pending negotiations looking toward mediation by Germany, England, France, and Italy in ambassadorial conference.

While the reply is a courteous note thanking Sir Edward Grey for his efforts, it is nothing less than a flat rejection of any scheme of intervention by the powers, except plans looking toward the localization of the war.

A Paris dispatch says:

"Word reaches the Austrian embassy in Paris that two army corps of Austrian troops crossed the Danube into Servian territory last night, and today occupied Belgrade, meeting with no resistance. The news is not given as official.

"Unofficial reports in Berlin, London, and Paris declare a detachment of Austrians invaded Servia at Mitrovitz, fifty miles northwest of Belgrade. The Servians, it is stated, withdrew before the advance of the Austrians.

"Unconfirmed reports declared, it was announced in Vienna, that hostilities were opened at daybreak today."

Rejection of Mediation Is Backed by Germany

By KARD H. VON WIEGAND.

BERLIN, July 28.—Austria today formally declared war on Servia.

Troops are being massed on the border, reservists are pouring into Austria from Germany, and all preparations are being made for an immediate invasion of the little kingdom. Austrian warships and transports are moving up and down the Danube and within a short time official report of the occupation of Belgrade is expected.

The formal declaration of war followed the rejection of the proposals of Sir Edward Grey, British foreign minister, for mediation. Both Austria and Germany refused to consider mediation as to the issues between the Vienna and Belgrade government.

In notes addressed to Grey, the two governments left the way open for further negotiations between the powers looking toward localization of the war. Austria refused to submit to an ambassadorial conference, however, her demands that Servia punish all accomplices in the assassination of Archduke Ferdinand, suppress the Pan-Servian societies and permit Austrian officers to enter Servian terri-

MME. CAILLAUX IN FAINT, STOPS TRIAL

Drops Unconscious as She Is Assailed by Lawyer for Calmette's Heirs.

Letters to McAdoo Show Trade Pickup

Advices From Twenty-seven States Indicate Biggest Record Crop and Need of Money to Move It Will Cause Great Business Boom.

Secretary of the Treasury McAdoo is confident that a great revival of business in the United States will follow the marketing of the record crops in the West and South this year.

The Secretary bases this conviction on the replies received from bankers in all parts of the country to his inquiry as to the necessity of depositing Government funds in the banks this summer and fall to assist in moving the crops and for other commercial purposes.

It was upon these optimistic advices that Secretary McAdoo prepared to deposit $34,000,000 of Treasury funds to aid the crop movement.

BANKERS SEE NEED OF BIG SUMS.

Newsies Ask Friends' Help Them to Bury Drowned Lad

Marshall Hit By Traffic Rule

Steals $131; Plays Lady Bountiful

District to Share Reclamation Cost

Assessments for Work on Anacostia Flats May Be Levied on Any Land in Washington Which Jury Holds Is Benefited.

Owners of property anywhere in the District may be called upon to contribute to the cost of the reclamation and development of the Anacostia flats, according to the terms of the District appropriation bill for the current fiscal year.

For continuing the reclamation and development of the Anacostia flats from the Anacostia bridge northeast to the District line, the bill carries an appropriation of $100,000 to be expended under the supervision of the chief of engineers of the United States army.

FIRST ASSESSMENT ON DISTRICT.

CORONER BRANDS MRS. ANGLE SLAYER

Bridgeport Official Accuses Divorcee of Causing Rollins's Death.

G. O. P. Senate Caucus Agrees Not to Filibuster

Lipton's Challenger Arrives at the Azores

Fear Bond Default.

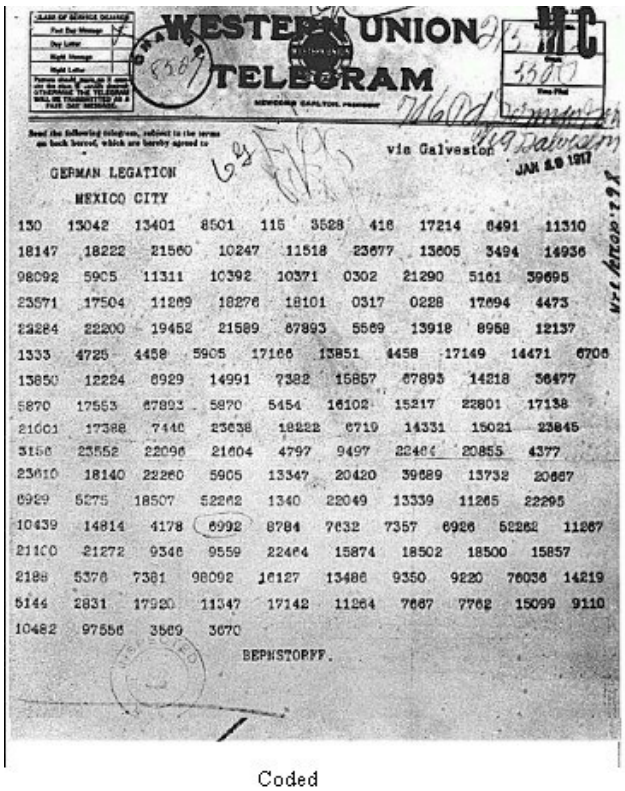
🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Tríplice Entente
POLÍTICA
97 de 100
Três contra três
Foi a consolidação de acordos bilaterais militares e políticos entre França, Reino Unido e o Império Russo, assinados entre 1892 e 1907. Com os três países aparando as arestas entre si, o resultado foi a formação de um bloco para se opor à Tríplice Aliança, que englobava Alemanha, o Império Austro-Húngaro e a Itália. Durante a guerra, a Itália abandonou os antigos aliados e juntou-se à Tríplice Entente.

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Telegrama Zimmerman
POLÍTICA
98 de 100
Canto da sereia alemã
O ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Arthur Zimmerman, enviou telegrama cifrado pedindo ao então embaixador alemão no México, Heinrich von Eckardt, que se aproximasse do governo mexicano. A ordem era oferecer uma série de benefícios para convencer as autoridades do país latino-americano a formar uma aliança com a Alemanha contra os Estados Unidos. De acordo com o telegrama, o diplomata estava autorizado a oferecer até mesmo terras americanas — pertencentes à área tomada pelos EUA ao México na guerra de 1848 — que seriam entregues, obviamente, após a vitória germânica.

Despachado em janeiro de 1917, o documento foi interceptado e decodificado por britânicos e encaminhado ao governo americano. Foi um dos motivos da entrada dos EUA na guerra, acirrando os ânimos contra a Alemanha.


WESTERN UNION TELEGRAM

via Galveston

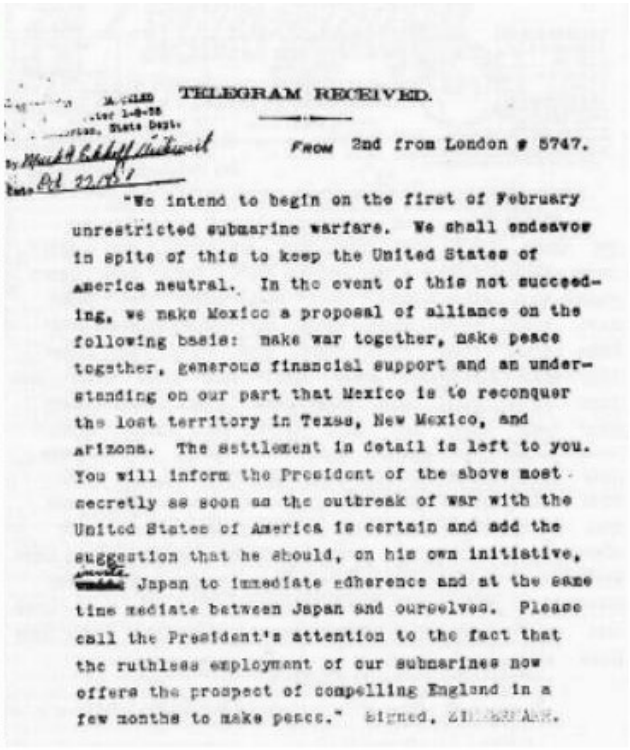
JAN 19 1917

GERMAN LEGATION
MEXICO CITY

130 13042 13401 8501 115 3528 416 17214 6491 11310
18147 18222 21560 10247 11518 23677 13605 3494 14936
98092 5905 11311 10392 10371 0302 21290 5161 39695
23571 17504 11269 18276 18101 0317 0228 17694 4473
22284 22200 19452 21589 67893 5569 13918 8958 12137
1333 4725 4458 5905 17166 13851 4458 17149 14471 6706
13850 12224 6929 14991 7382 15857 67893 14218 36477
5870 17553 67893 5870 5454 16102 15217 22801 17138
21001 17388 7446 23638 18222 6719 14331 15021 23845
3156 23552 22096 21604 4797 9497 22464 20855 4377
23610 18140 22260 5905 13347 20420 39689 13732 20667
6929 5275 18507 52262 1340 22049 13339 11265 22295
10439 14814 4178 6992 8784 7632 7357 6926 52262 11267
21100 21272 9346 9559 22464 15874 18502 18500 15857
2188 5376 7381 98092 16127 13486 9350 9220 76036 14219
5144 2831 17920 11347 17142 11264 7667 7762 15099 9110
10482 97556 3569 3670

BERNSTORFF.

Coded


TELEGRAM RECEIVED.

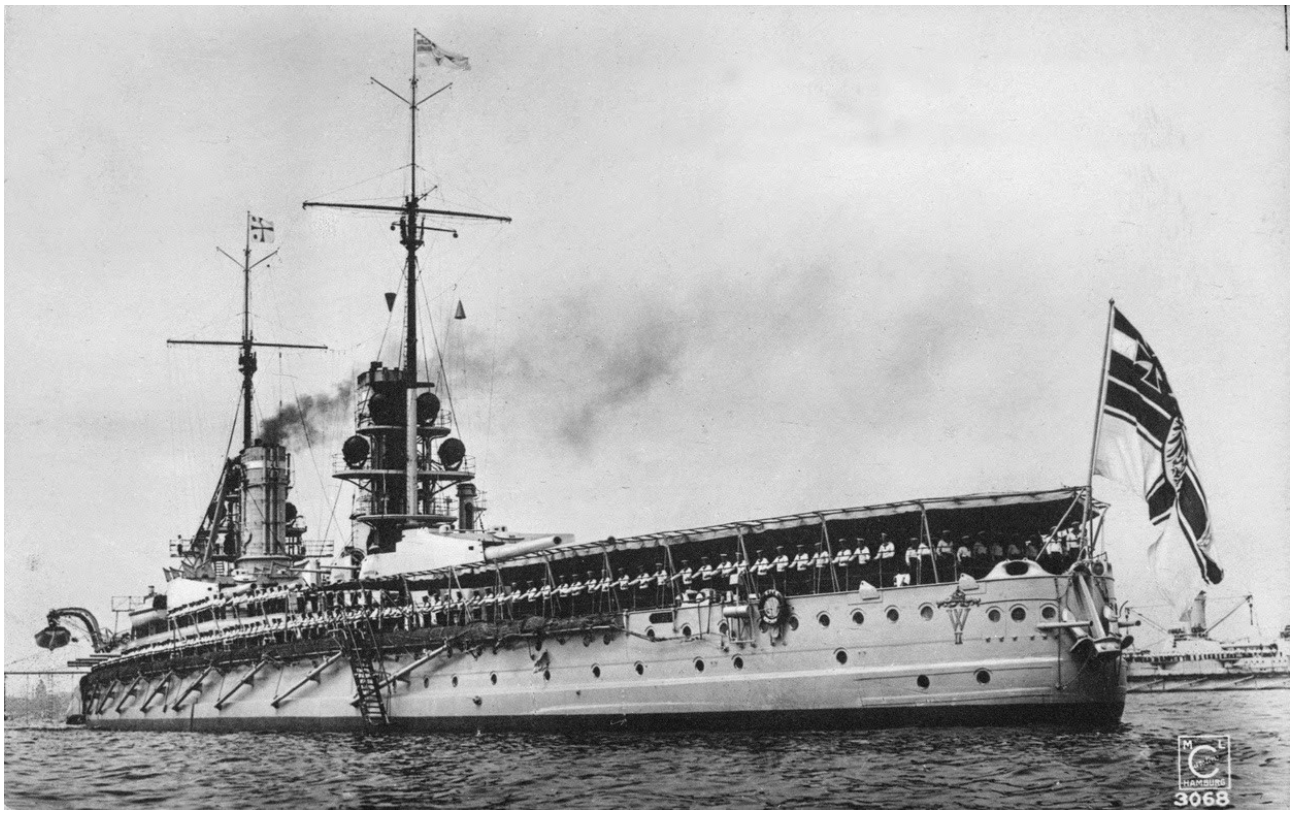
From 2nd from London # 5747.

"We intend to begin on the first of February unrestricted submarine warfare. We shall endeavor in spite of this to keep the United States of America neutral. In the event of this not succeeding, we make Mexico a proposal of alliance on the following basis: make war together, make peace together, generous financial support and an understanding on our part that Mexico is to reconquer the lost territory in Texas, New Mexico, and Arizona. The settlement in detail is left to you. You will inform the President of the above most secretly as soon as the outbreak of war with the United States of America is certain and add the suggestion that he should, on his own initiative, invite Japan to immediate adherence and at the same time mediate between Japan and ourselves. Please call the President's attention to the fact that the ruthless employment of our submarines now offers the prospect of compelling England in a few months to make peace." Signed, ZIMMERMANN.

Decoded

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Corrida armamentista e colonial
POLÍTICA
99 de 100
Plantando o conflito
Nos anos finais do século XIX, a Europa embarcou numa corrida por colônias na África e na Ásia que acirrou a disputa entre as principais potências. Com isso, veio uma corrida armamentista, em que cada país buscava superar o outro ou compensar deficiências em suas forças militares. De olho num império colonial, a Alemanha iniciou um ambicioso programa de construção naval que despertou a oposição do Reino Unido, maior potência marítima da época. O governo britânico respondeu com seu próprio programa naval, aumentando sua esquadra. Já a França, nas vésperas de guerra, estendeu de dois para três anos o período de serviço militar, de modo a aumentar o tamanho de seu Exército, inferior ao alemão. Por sua vez, a Rússia empreendeu um programa de construção de ferrovias, que pudessem acelerar a movimentação de suas tropas, despertando a desconfiança da Alemanha. Todos esses fatores juntos levaram ao acirramento de tensões que ajudou a criar o clima de confronto antes da guerra. Na foto, um encouraçado alemão.



🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org

Pacifismo
POLÍTICA
100 de 100
Abaixo as armas
O mundo antes da I Guerra viu florescer um intenso movimento contra conflitos armados, que ganhou o nome pacifismo no Congresso Mundial da Paz em Glasgow, na Escócia, em 1901. Uma das principais figuras do movimento, na época, foi a baronesa austríaca Bertha von Suttner, autora de “Deponham as armas” e primeira mulher vencedora do Nobel da Paz em 1905. Às vésperas do conflito, movimentos de esquerda internacionais pregavam o pacifismo, classificado por eles de “briga da burguesia”.

Muitos adeptos da filosofia se recusaram a ir para a guerra como objetores de consciência, sendo presos e perseguidos. Durante a guerra, no entanto, o nacionalismo que movia os países calou a maior parte dos pacifistas. A enorme perda de vidas causada pelo conflito levou posteriormente a uma rejeição do militarismo, dando fôlego a movimentos pacifistas. Na foto, um cartaz de 1917 representando Cristo preso como um pacifista.

THIS man subjected himself to imprisonment and probably to being shot or hanged

THE prisoner used language tending to discourage men from enlisting in the United States Army

IT is proven and indeed admitted that among his incendiary statements were—

THOU shalt not kill

and

BLESSED are the peacemakers

🄯 - Jorge H B Sampaio Jr. – License CC BY-NC-SA 4.0 – https://copyleft.org